




**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE
HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA**

RENATO STEFANUTO MANSOTTI

**O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DAS LUTAS POR
LIBERDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA**

**CAMPO GRANDE
2024**

<p>R. MANSOTTI</p>	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA PROFHISTÓRIA</p>
<p>O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DAS LUTAS POR LIBERDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA</p>	<p>RENATO STEFANUTO MANSOTTI</p> <p>O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DAS LUTAS POR LIBERDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA</p>
<p>2024</p>	<p>CAMPO GRANDE 2024</p>

RENATO STEFANUTO MANSOTTI

**O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DAS LUTAS POR
LIBERDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História

Orientador(a): Prof.(a) Dr. Rodrigo Bianchini Cracco

CAMPO GRANDE
MARÇO/2024

C872c Mansotti, Renato Stefanuto.

O futebol como instrumento de compreensão das lutas por liberdade no Ensino de História/ Nome do autor. Amambai: [s.n.], 2024

156f.; 30cm

Orientador (a): Rodrigo Bianchini Cracco

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

1. História – Ensino. 2. Crítica. 3. Autores. I. Título

CDD - 340.1

**O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DAS LUTAS POR
LIBERDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA**

RENATO STEFANUTO MANSOTTI

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Ensino de História

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Bianchini Cracco (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Leandro Hecko
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Roberto Leme Batista
Universidade Estadual do Paraná

Campo Grande/MS, 27/03/2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA -
PROFHISTÓRIA

À minha família e ao bando de loucos

AGRADECIMENTOS

“Ai, Corinthians, cachaça do torcedor, colorido em preto e branco,
sem preconceito de cor. Ai, Corinthians, quando és o vencedor,
pobre fica milionário rindo da própria dor.”

(Paulinho Nogueira)

MANSOTTI, R. *O futebol como instrumento de compreensão das lutas por liberdade no Ensino de História*. 2024. 92 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

RESUMO

Esse trabalho pretende compreender as possibilidades pelas quais o estudo do movimento conhecido como Democracia Corinthiana pode contribuir como instrumento de compreensão e análise das lutas por liberdade no final do regime militar de 1964-85 em sala de aula por professores de História. A pesquisa tem por objetivo analisar aspectos da História do Futebol em que o esporte se aproxima das classes populares e funciona como um catalisador do exercício da cidadania e da democracia. Um desses aspectos é a Democracia Corinthiana, um movimento ocorrido entre 1982 e 1984 onde jogadores de futebol do Sport Club Corinthians Paulista passaram a tomar decisões em conjunto, num claro exercício de autogestão. Por meio da análise das páginas da Folha de São Paulo e da Revista Placar com base nos textos de José Paulo Florenzano (2020) e seu conceito de “jogador-operário” que pretende ver o jogador de futebol como um indivíduo questionador da realidade em que vive, ainda, o trabalho do sociólogo francês Serge Berstein (1998) e seu conceito de cultura política mostrando que é necessário se considerar as aspirações e individualidades compartilhadas e como as trajetórias individuais influenciam no coletivo. A possível contribuição do estudo do movimento para o Ensino de História está baseada no conceito de “negociação de distância” conforme desenvolvido por Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (2015) que pretende usar os referenciais culturais dos estudantes, como o futebol, para trazer o passado até o presente, contribuindo na compreensão do contexto histórico por esses estudantes. A materialização desse estudo está expressa no site Futebol e História, criado para auxiliar os docentes no uso do futebol como compreensão do conteúdo histórico.

Palavras-chave: História do Futebol, Democracia, Ensino de História, Cidadania.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

CEB - Comunidades Eclesiais de Base

DEOPS/SP - Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo

FA - Football Association

LAF- Liga de Amadores de Futebol

LFP - Liga de Futebol Paulista

SCCP - Sport Club Corinthians Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO I: PANORAMA POLÍTICO E CULTURAL DO FUTEBOL NO BRASIL E NO MUNDO	13
1.1 O FUTEBOL NO BRASIL: ORIGEM, ORGANIZAÇÃO E POPULARIZAÇÃO.....	24
1.2 O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE RESISTENCIA POPULAR: ALGUNS CASOS PROPEDÊUTICOS.....	32
1.3 A HISTÓRIA DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA.....	36
2 CAPITULO II O FUTEBOL COMO MEIO DE POPULARIZAÇÃO DE IDEIAS DEMOCRÁTICAS	42
2.1. O FUTEBOL DURANTE A DITADURA: ATAQUE E CONTRA-ATAQUE.....	43
2.2. A DEMOCRACIA CORINTHIANA: ESCALAÇÃO.....	47
2.3. A DEMOCRACIA CORINTHIANA E A IMPRENSA.....	53
2.4. AS EXPRESSÕES DA DEMOCRACIA CORINTHIANA.....	55
2.5. AS RESISTÊNCIAS AO MOVIMENTO.....	59
2.6. A DEMOCRACIA CORINTHIANA E AS DIRETAS JÁ.....	62
3 CAPÍTULO III O SITE FUTEBOL E HISTÓRIA	64
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

Por meio dessa dissertação buscarei compreender as formas pelas quais é possível utilizar o estudo da História do Futebol como instrumento na luta pela garantia dos ideais democráticos. De uma maneira mais incisiva, a questão que orienta esse trabalho é: como o estudo de movimentos de cunho democrático no futebol pode colaborar para a compreensão da resistência popular frente a períodos da história caracterizados pela supressão das liberdades individuais? A capacidade do futebol de funcionar como campo de resistência política deverá orientar esse trabalho de pesquisa no sentido que, através do estudo aprofundado de certos movimento e entre os diversos casos existentes está o da Democracia Corinthiana ocorrido entre 1982 e 1984 no clube de futebol paulista Sport Club Corinthians Paulista., possa-se chegar a uma melhor compreensão de como esses grupos participaram também do processo de redemocratização e posteriormente, de garantia da ordem democrática no Brasil. Como já adiantado, clubes, torcidas, jogadores, em diversas ocasiões da história nacional, se apresentam como veículos de expressão democrática. Esse movimento ocorrido durante os últimos anos da ditadura militar é exemplar pois, através dele, podemos analisar como jogadores, torcida e o próprio clube, atuaram de forma a contestar os rumos políticos do Brasil sob o comando dos militares e de que forma essa atuação se tornou um movimento que ultrapassou as quatro linhas do campo de futebol e foi assimilada pela sociedade.

Como delimitação temporal escolhi os anos de 1981 a 1984, pois são os anos em que os indivíduos ligados à Democracia Corinthiana encontram terreno fértil para iniciar suas práticas de liberdade (Florenzano, 2020) como a eleição de Waldemar Pires como presidente do Corinthians, dando fim a um período de dez anos do cartola Vicente Matheus, e 1984 é o momento de desmobilização do movimento alvinegro devido à saída de Sócrates, vendido à Fiorentina da Itália, após a não aprovação no Congresso Nacional da Emenda Dante de Oliveira.

Acerca do tema, a História do Futebol, nos últimos anos vimos um considerável aumento do interesse desse tema por pesquisadores das mais diversas áreas das Ciências Humanas. Um dos principais autores que decidiram se debruçar sobre os estudos do esporte é o antropólogo Roberto DaMatta, em seus trabalhos como “Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro” de 1982 o autor analisa o futebol como um veículo importante para a construção de ideais democráticos por permitir e exigir que as regras sejam cumpridas por todos os jogadores para que o jogo tenha sentido (DaMatta, 1982). Em “A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol” de 2006, o

autor analisa o significado social do futebol brasileiro mostrando que esse esporte entrava em conflito com valores tradicionais e reacionários quando da sua introdução e disseminação por terras brasileiras, segundo ele o jogo democraticamente produzia vencedores e perdedores sem transformar o vencedor em dono da atividade e nem subtraía dos perdedores a dignidade (DaMatta, 2006). Esse trabalho se insere nessa visão de DaMatta que trata o futebol como um difusor e possibilitador de exaltação de valores democráticos e da igualdade e equidade. Outra importante contribuição nesse sentido, agora mais voltado ao objeto dessa dissertação, a Democracia Corinthiana, são os estudos de Mariana Zuaneti Martins e Heloísa Helena Baldy dos Reis. De acordo com os estudos das autoras, os jogadores envolvidos no movimento alvinegro pluralizaram os sentidos e significados de democracia dentro do futebol, abarcando a prática no campo, mas também as discussões, as decisões, a participação política e a gerência de sua própria vida (MARTINS; REIS, 2020, p.681).

Nessa dissertação tenho por objetivo geral compreender a história da Democracia Corinthiana e discutir até que ponto é possível utilizá-la para uma melhor compreensão dos movimentos de resistência à supressão das liberdades democráticas durante a Ditadura Militar de 1964-85 no que diz respeito ao Ensino de História. Além disso, buscarei identificar as formas pelas quais o futebol, como elemento político e cultural, se envolve com o campo de resistência popular por meio de uma análise que farei sobre a história do esporte. Por meio de ampla análise também buscarei analisar o alcance e o impacto social e político do movimento conhecido por Democracia Corinthiana e, por fim, indicar também como esse movimento e também outros aspectos da história do futebol podem ser utilizados no Ensino de História para a compreensão de determinados períodos históricos, movimentos e conceitos trabalhados na disciplina de História no Ensino Fundamental.

Além disso, o futebol é um esporte que tem a capacidade de unir pessoas de diferentes classes sociais, gêneros e etnias em torno de um objetivo comum. Da Matta argumenta que essa capacidade do futebol de unir pessoas de diferentes origens é fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática, pois ajuda a reduzir as desigualdades e a promover a inclusão social. De acordo com o autor:

Embora seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados parâmetros capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. A começar pela possibilidade de projetar, no campo e na partida que produz, emoções, mitos e fantasias individuais e coletivas, tirando do espetáculo — como Nelson Rodrigues percebeu; melhor do que ninguém — qualquer possibilidade "objetiva" ou unidimensional, isto é, qualquer possibilidade

de uma redução do "jogo de futebol" a algo sem espessura ou densidade. (DA MATTA, 1982, p.145)

Incluído nessas emoções, mitos e fantasias individuais e coletivas, está o movimento aqui estudado: a Democracia Corinthiana, um movimento de trabalhadores do futebol surgido no interior do Corinthians, clube paulista fundado em 1910. A Democracia Corinthiana se estabelece no clube na década de 1980, um período no qual o Brasil rumava para a abertura política e que o próprio Corinthians também parecia rumar para sua abertura. Aconteceu que em 1981, o então presidente Vicente Mateus estava impedido de concorrer às eleições do clube. Vicente, que ocupara a cadeira da presidência durante dez anos, encontrou uma brecha no regulamento que o permitiu concorrer à vice-presidência, colocando como cabeça de chapa Waldemar Pires. O objetivo de Vicente era continuar dando as cartas mesmo como vice-presidente, pois julgava que poderia manipular Waldemar e continuar tomando as decisões como presidente. No entanto, ele tinha julgado mal e o presidente eleito. Waldemar Pires, começou tomar a frente da presidência do clube e deixar Vicente Mateus de lado logo no início do mandato, quando contratou o sociólogo Adilson Monteiro Alves para a direção de futebol, sendo que este contratou o treinador Mario Travalighni, que tinha métodos um pouco diferentes da maioria dos treinadores mais rígidos encontrados no futebol brasileiro à época.

Dessa combinação, um clube que depois de dez anos trocava de presidente, considerado um ditador pelos torcedores que realizaram seu enterro simbólico no estádio, a contratação de Adilson Monteiro Alves e de Mário Travaglini, juntamente com a presença de jogadores como Sócrates, Wladimir e Casagrande, um novo modelo de gestão surgia no clube. Os jogadores passaram a participar de todas as decisões, respaldados por seu diretor; faziam reuniões frequentemente, discutiam escalação, contratações, viagens, segundo Sócrates, “Tudo era discutido. Nós nos reuníamos no vestiário ou no campo e decidimos. A partir de então, nós começamos a exercer isso semanalmente. Falávamos sobre uma série de coisas, inclusive horários de treino. Discutir e votar era quase um vício” (MARTINS, 2014, p.62). Ainda de acordo com Reis e Martins, buscando por direitos e uma maior participação nas decisões estavam

Engajados nesse movimento de participação democrática, reivindicação, organização coletiva e conquista de direitos, os jogadores corinthianos pluralizaram os sentidos e significados de democracia dentro do futebol, abarcando a prática no campo, mas também as discussões, as decisões, a participação política e a gerência de sua própria vida, em uma clara demonstrações de contestação ao paternalismo reinante nas relações sociais de trabalho do futebol. (REIS E MARTINS, 2020, p.681-682)

Como movimento, a Democracia Corinthiana não era revolucionária, estava limitada à estrutura do Corinthians, uma empresa como qualquer outra, porém o movimento passou a ocupar espaços na imprensa e nos estádios, atrelando-se aos anseios populares pela abertura política e também a movimentos que surgiam como as Diretas Já surgido em 1983. Aos poucos a Democracia Corinthiana começava a incomodar o poder que, através de sua influência na imprensa, passava a atacar as práticas de autonomia dos corinthianos. Segundo José Paulo Florenzano:

no período revolucionário dos anos 78 a 84, temos dois movimentos concomitantes que, em grande parte coincidiam, entrelaçavam-se e influenciavam-se mutuamente, deixando apreensivas as forças da reação que, em contrapartida, procuravam-lhe deter o avanço. Enquanto na esfera esportiva, os editoriais da grande imprensa denunciavam a incompatibilidade entre a prática do futebol e a ideia da autogestão, na esfera religiosa, o comando do Exército invocava os mitos fundadores contra as comunidades eclesiais de base, advertindo-as de que “a espada e a cruz tem caminhado juntas neste País, desde que as caravelas portuguesas aqui aportaram” (FLORENZANO, 2021, p.53)

Como vemos, além das Diretas Já, a Democracia Corinthiana também se encontrava inserida no mesmo campo das Comunidades Eclesiais de Base (CEB) surgidas na década de 1960 como uma forma de engajamento de católicos na luta por justiça social e contra a ditadura militar.

Notadamente contrariando a visão de que o futebol funcionaria apenas como um reprodutor da ordem política vigente, um pacificador das massas, deixando-as inertes e inofensivas, o microcosmo criado pela Democracia Corinthiana nos mostra que esse esporte, como outros, consegue servir como meio de protesto e reivindicação das classes trabalhadoras como mostra Althusser:

Não só porque as antigas classes dominantes neles conseguem preservar posições de força durante muito tempo, mas também porque a resistência das classes exploradas é capaz de encontrar meios e oportunidades de se expressar ali, seja utilizando as contradições que ali existem, seja pela conquista de posições de combates dentro deles, na luta (ALTHUSSER, 2013, p. 117).

No sentido de examinar a trajetória das pesquisas sobre futebol e História, muito se buscou tratar o futebol apenas como um mecanismo de alienação popular no qual os detentores do poder utilizavam-no como uma forma de manter as massas inertes. É o caso das produções que analisam a relação entre a ditadura militar e o futebol e os usos políticos que esta fez desse mesmo futebol para criar um ambiente de legitimação perante a sociedade utilizando, para citar um exemplo só, a Seleção Brasileira de Futebol e aparelhando a

Confederação Brasileira de Desportos, para trabalharem em prol do projeto ditatorial. Muitas produções abordam esse aspecto que de maneira nenhuma deixa de ser importante para compreender o período e as relações políticas, sociais e econômicas que o futebol mantém com o poder, mas essa pesquisa vem propor algo diferente: o futebol não serve apenas ao poder instituído, mas também é um instrumento de luta política, como bem nos lembra o jornalista Juca Kfourri:

Futebol não é alienação, ao contrário. Ele mobiliza, ele reúne, ele é meio para que as pessoas se organizem e sintam sua força enquanto coletividade. Não terá sido por acaso, (...) que a primeira faixa pela Anistia no Brasil a aparecer para um grande público tenha sido desfraldada exatamente no meio da torcida corinthiana, numa partida contra o Santos, no Morumbi, com mais de 110 mil pessoas, no dia 11 de fevereiro de 1979. (KFOURI, 1983, p. 36)

É nesse panorama que a pesquisa aqui proposta se encaixa, analisar de que forma o futebol se mostra um instrumento de luta política e de garantia dos direitos democráticos e da democracia no Brasil através do estudo de um movimento específico conhecido como Democracia Corinthiana, afirmando que o estudo desse movimento e do ambiente político e cultural que o cerca pode contribuir para uma melhor compreensão desse período quando utilizado no Ensino de História.

As fontes utilizadas por mim para realizar a pesquisa giram em torno de dois periódicos. O primeiro periódico é um jornal impresso paulista: a Folha de São Paulo, jornal criado em 1921 e o segundo maior jornal do Brasil em termos de circulação. A Folha, como é conhecido o jornal, teve um grande papel durante o Regime Militar iniciado em 1964 sendo notadamente um veículo de imprensa sustentação desse, como podemos observar na matéria de junho de 1972 intitulada de “Presos políticos?” (1972) no qual nega a existência de pessoas presas por suas posições políticas durante a Ditadura. Apesar desse viés apoiador que a Folha dava aos militares, temos que levar em conta o fato de que, nos anos finais da ditadura a postura do jornal mudou e a Folha passou a se portar como oposição ao regime, numa tentativa de limpar sua imagem, dando mais visibilidade a movimentos como as Diretas Já e a Democracia Corinthiana. Em matéria intitulada “Democracia em Campo” de abril de 1983, a Folha trata de mostrar a importância do movimento corinthiano, dizendo que este indica que a “idéia democrática extravasa o círculo das elites políticas e começa a cativar a imaginação de amplas camadas da sociedade” (DEMOCRACIA, 1983, p.2). O outro periódico que cabe aqui comentar é a Revista Placar, lançada em 1970 pelo Grupo Abril, uma importante revista de conteúdo esportivo. Nascida com o objetivo de tornar o jornalismo esportivo mais moderno,

tinha um posicionamento diverso, por vezes se alinhava aos interesses dos militares, outrora ajudava a criticá-los. Sob a edição do jornalista Juca Kfoury a revista passou a publicar matérias que denunciavam a corrupção no futebol nos anos 1980 e deu ampla cobertura ao movimento da Democracia Corinthiana.

O estudo também contará com fontes bibliográficas de historiadores que estudaram a fundo a Democracia Corinthiana. Uma dessas obras é o livro de José Paulo Florenzano “Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro”. Nesse livro Florenzano faz um estudo sociológico acerca do movimento, destacando a tradição de autonomia dos atletas, tradição essa que segundo o autor percorre a história do futebol brasileiro. De acordo com o autor o movimento corinthiano se associa as lutas que tomavam conta do panorama social e político dos anos 1980, um momento de ânsia pela abertura política, de crise econômica e de declínio do projeto autoritário dos militares. Essa associação, segundo o autor, faz romper com a ideia de que o futebol é um meio de alienação, que torna o proletariado inerte, e cria uma possibilidade de que através do futebol o assalariado comum é introduzido num espaço de conquistas sociais.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, discuti alguns aspectos gerais da História do Futebol no mundo e no Brasil buscando sempre acessar os momentos históricos onde o esporte se envolve com o campo popular. No segundo capítulo, faço uma ampla análise da Democracia Corinthiana, abordando os participantes, as expressões utilizadas pelo movimento, o tratamento que recebiam da imprensa e do governo, as ligações com as Diretas Já, bem como as resistências internas e externas ao movimento. Por fim, no terceiro capítulo faço a apresentação do site desenvolvido por mim www.futebolehistoria.com.br que irá funcionar como um produto a ser utilizado no Ensino de História e abarcará as análises desenvolvidas nos dois primeiros capítulos.

1. CAPÍTULO: PANORAMA POLÍTICO E CULTURAL DO FUTEBOL NO BRASIL E NO MUNDO

O futebol chegou no Brasil no final do século XIX, na passagem do Império para a República. Um brasileiro de pais ingleses, ao retornar do Velho Mundo, trouxe consigo uma bola. O futebol já havia dado os primeiros passos, ou melhor, chutes, na Inglaterra aproximadamente 40 anos antes de chegar ao Brasil e era um esporte de ricos cidadãos. No Brasil não foi diferente, em relação aos times organizados, como conhecemos hoje, o primeiro foi formado por fazendeiros ligados ao café em 1903, a Associação Atlética Ponte Preta. Porém, pela dimensão urbana brasileira e pelo caráter lúdico do futebol que trazia aos praticantes um certo gosto pelo jogo, ele logo se difundiu e cruzou as barreiras de classe caindo no gosto também do proletariado brasileiro do início do século.

Nascendo como uma forma de distinção social que a média burguesia encontrou para utilizar, o futebol se torna sinônimo de civilidade perante a essa classe. Segundo Ribeiro (2020) o caráter amador do futebol trazia a ideia de que o jogador era desprendido de interesses além da prática do esporte e jogar futebol apenas entre iguais era uma forma de separar o esporte das tensões de classe que existiam na Inglaterra do século XIX (RIBEIRO, 2020, p.31).

Primeiramente, vamos nos debruçar nos mitos fundadores da História do Futebol. Muito se buscou a origem exata do esporte hoje muito praticado no muito que conhecemos como Futebol, ou *football* como é chamado em seu país de origem, a Inglaterra. Existem alguns estudiosos que procuram estabelecer precisamente quando foi a origem moderna do futebol. Em seu trabalho “The Origins of Football History, Ideology and the Making of ‘The People’s Game’” escrito em 2015, o historiador inglês Gavin Kitching procura debater acerca de duas vertentes principais no que diz respeito ao estabelecimento das origens do futebol. Segundo Kitching (2015), duas são as principais ideias sobre essas origens: a primeira diz que a origem do futebol moderno está ligada estritamente à unificação das regras e a formação da Football Association (FA), por um pequeno grupo de ex-alunos de escolas privadas inglesas em 1863. A segunda narrativa envolve a ideia de que o futebol ou suas diferentes variações, descendem de passatempos populares da Inglaterra, Escócia e Gales, e que esses passatempos eram praticados séculos antes da criação da FA.

Começaremos pela segunda vertente, a de que o futebol moderno descende dos passatempos populares da Grã-Bretanha pré-moderna. Para Kitching, apesar dos esforços dos historiadores do futebol em estabelecer ligações entre o esporte praticado a partir da

metade do século XIX

na Inglaterra, e os passatempos antigos é muito difícil principalmente pela falta de fontes disponíveis. Como eram jogos praticados pelas classes mais pobres da sociedade, esses jogos não possuem quase nenhuma fonte que teria sobrevivido até a atualidade. De acordo com o autor, em comum com o futebol moderno a única coisa que esses passatempos tinham era a marcação de gols (*goals*), além de que não eram compostos apenas de chutes, ou movimentos com os pés, mas uma mistura de agarrar a bola com as mãos ou chutá-la pelo campo. Outro aspecto em comum com o futebol moderno era a valentia necessária para jogá-los, pois eram jogos violentos onde contusões eram comuns.

Esses passatempos foram muito praticados entre as classes pobres britânicas entre os séculos XVII, XVIII e início do século XIX, porém, como observado por Kitching, o futebol do povo (*folk football*) teve um declínio ao entrar no século XIX criando então um “vácuo de futebol” na sociedade inglesa, vácuo esse que seria ocupado pelo futebol da classe média alta, dos estuantes das escolas privadas.

Entramos aí na vertente de narrativas que estabelece a origem do futebol moderno na criação da FA e na unificação das regras em 1863. De acordo com essa tendência, a necessidade de unificar as regras veio da frustração que alguns estudantes encontravam para jogar futebol entre escolas, uma vez que, como existiam várias regras e cada escola, clube ou associação praticava o futebol com uma regra diferente, jogar entre eles se tornava uma prática complicada. A solução encontrada por eles foi criar um código único para o futebol, misturando regras das diferentes escolas.

Ainda nesse trabalho, Gavin Kitching, após apresentar as duas vertentes, começa a discutir sua visão sobre a origem do futebol moderno. Segundo ele, apesar dos esforços de historiadores de ambas as visões buscarem incessantemente um “mito das origens”, como em Bloch (2008), ambos esquecem que o futebol moderno surge como uma mistura de ambos os elementos e que após essa junção o futebol continuou a evoluir de tal forma que as inovações do jogo já não tinham nada a ver com o futebol do povo ou com o futebol do período da unificação das regras. Ou seja, o futebol moderno foi influenciado tanto pelo *folk football*, quanto pela unificação das regras e a formação da FA.

Outro ponto que não pode deixar de ser mencionado quando abordamos as origens do futebol é o contexto histórico vivido pela Inglaterra do século XIX, precisamente a Revolução Industrial. Segundo Hilário Franco Jr (2007) não é um acaso que o futebol tenha nascido na Inglaterra, basta observarmos o que os dois fenômenos têm em comum para chegarmos à conclusão de que o surgimento, ou pelo menos a massificação, do futebol está

ligado mais do que pensamos ao advento da civilização industrial. Segundo Baker (1978) foi com a Revolução Industrial que a urbanização encontrou seus maiores níveis na Europa, que a população teve acesso a meios de transporte mais rápidos e baratos, acesso também a um sistema educacional, que era uma demanda da industrialização.

De acordo com o historiador americano William J. Baker, num artigo de 1978, chamado “The making of a working-class football culture in victorian England”, alguns fatores foram essenciais para a popularização do futebol na sociedade inglesa. A urbanização ocorrida no século XIX fez com que em 1891 a Inglaterra possuísse 23 cidades com a população maior que cem mil habitantes e 72% da população total do país vivia na zona urbana. Essa população, agora amplamente urbanizada, buscava formas de divertimento, lazer, que encontrou também na prática do futebol. O sistema de ferrovias e o barateamento e universalização do acesso ao transporte também contribuiu para o desenvolvimento do futebol, uma vez que ligou as mais remotas áreas da classe operária até os campos.

Baker ainda nos mostra que a universalização da educação em 1870 na Inglaterra, criou uma massa de jovens leitores, uma audiência para a imprensa esportiva que florescia nas últimas décadas do século XIX “colocando o futebol nas mãos e pés de todo aluno inglês” (BAKER, 1978, p.243, tradução nossa).

Outro desdobramento da Revolução Industrial, dessa vez ligado diretamente às lutas operárias, foi a diminuição da jornada de trabalho semanal. A semana de seis dias, que posteriormente passou a compreender não só o domingo de folga, mas também as tardes de sábado, criou uma oportunidade para as pessoas buscassem o futebol como forma de lazer e divertimento. Para Gilberto Agostino

Fator determinante para a interação entre esse segmento social e o esporte foi a gradativa ampliação dos horários de lazer, conquista trabalhista alcançada no decorrer da segunda metade do século XIX. A folga após o meio-dia de sábado marcaria para sempre os horizontes esportivos na Inglaterra, adaptando-se perfeitamente às convicções protestantes em relação à importância do domingo (AGOSTINO, 2002, p.23).

E sendo a Inglaterra o berço da Igreja Anglicana, é necessário apontar também o papel da religião na popularização do futebol, “a paróquia assumiu um papel crucial na formação dos clubes de futebol do final do século, tendo como exemplos significativos o *Aston Villa*, *Blackpool* e o *Bolton Wanderers*” (AGOSTINO, 2002, p.25). Escola, Igreja, Fábrica, todas essas instituições sociais contribuíam com a formação de diversos clubes da segunda metade até o final do século XIX. Leicester, Blackburn e o Sunderland estão ligados às escolas de

gramática inglesas. Manchester United, Arsenal e West Ham originam-se dos sindicatos ligados às fábricas.

Outra característica do futebol que o permitiu se tornar mais popular do que esportes até então tidos como massificados, como rugby e o cricket, foi a acessibilidade. Segundo Baker

Diferente do Rugby, ele poderia ser jogado por qualquer um, independentemente do tamanho ou da força. Diferente do cricket, o jogo tradicional de provinciano, um campeonato inteiro de futebol pode ser concluído num curto espaço de tempo. O futebol era um "jogo democrático"; a fácil alcance de absolutamente qualquer pessoa (BAKER, 1978, p.243).

É interessante notar também, a evolução das características e táticas do futebol em sua evolução a partir da década de 1860. No que diz respeito às características do futebol, tanto do futebol dos alunos da classe média inglesa quanto do futebol popular, algumas são comuns a ambos, como nos mostra Kitching (2015). O foco na altura e força física dos jogadores, marcar gols passando a bola pela linha de fundo do adversário, ou colocando a bola entre traves, maior ênfase num estilo de jogo avançado, através de uma matilha onde um jogador ia carregando a bola e os outros dando apoio e por fim o uso dos gols para dividir o tempo de jogo.

Como já exposto, o futebol praticado à época tinha a violência como marca. O peso e a altura dos jogadores contavam bastante, pois a principal tática de jogo do período consistia na formação de um grupo ofensivo contra um defensivo, os jogadores avançavam em bando para o ataque enquanto outro bando se defendia. Esse estilo de jogo não beneficiava nenhum pouco os jogadores vindos das classes trabalhadoras, segundo Kitching,

Em meados de 1870, nos arredores de Glasgow e na Escócia ocidental, um número de jogadores escoceses com pouco físico, de origens principalmente da classe trabalhadora, descobriram que se dispersando pelo campo um pouco mais, tocando a bola por distancias maiores e driblando para a esquerda e para a direita (ao invés de direto e reto na frente do bando defensivo) eles poderiam flanquear as defesas e compensar sua falta de peso e altura através da velocidade (KITCHING, 2015, p. 144, trad. nossa).

Hilário Franco Jr aponta que essa mudança na forma de jogar, optando por um jogo posicional e tendo o passe como característica estaria ligada ao militarismo, presente constantemente na Europa da segunda metade do século XIX, segundo ele

Em 1853, tinha sido implantado o Serviço Civil Indiano, pelo qual cerca de mil funcionários ingleses, cada um deles a frente de uma pirâmide de indianos qualificados, anglófonos e anglófilos, conseguia governar 300 milhões de nativos naquela importante região do Império Britânico. As guerras dos prussianos contra os austríacos em 1866 e contra os franceses em 1870-1 tinham provado a eficiência tática do ataque pelos flancos (...). Ora, no futebol, ao contrário do 1-9 de ataque maciço e concentrado, porém desorganizado, o 2-3-5 valorizava justamente o ataque pelos lados do campo (FRANCO JUNIOR, 2002, p. 36).

enquanto Kitching complementa “se existia uma característica distintiva da classe trabalhadora que encorajava tal improvisação era certamente a falta de nutrição” (KITCHING, 2015, p.146, trad. nossa).

Com ampla popularização e adesão de diversos segmentos sociais, mas mais amplamente da numerosa classe operária inglesa, o futebol não tardaria a ser profissionalizado. Apesar da relutância da FA e da alta classe média inglesa, a profissionalização era evidente numa sociedade orientada para e pelo mercado. “De 1883 a 1914 os times ligados a classe trabalhadora ganharam todas as Copas da F.A., exceto por uma” (BAKER, 1978, p.244, trad. nossa), e essa predominância está ligada à gênese do profissionalismo. Baker afirma que “jogadores da classe trabalhadora simplesmente não tinham como conseguir tempo livre para praticar, viajar e jogar a não ser que suas despesas fossem pagas” (BAKER, 1978, p.244. trad. nossa). Apesar da proibição que os cavalheiros organizadores do jogo impunham ao pagamento à atletas, os empresários industriais, ricos, não tinham problemas em fazê-lo “por baixo dos panos” e o futebol acabou se tornando um ramo extremamente lucrativo, fazendo com que os lucros gerados por ele fossem reinvestidos em estádios, equipamentos, uniformes e salários.

A profissionalização do futebol na Inglaterra do final do século XIX encontrou forte resistência pelos setores da elite que o praticavam. Diziam que tornar o futebol profissional era a mesma coisa que jogar seus princípios ao vento. Que princípios eram esses? Eram o “espírito de cavalheirismo, justiça e bom temperamento” (BAKER, 1978, p.245. trad. nossa). Apesar da relutância, o processo já havia começado e encontrava muitos adeptos. Isso porque, o futebol não era uma mera atividade física para a classe trabalhadora, nem para as classes mais altas. Para as classes trabalhadoras significava a oportunidade de competir em termos iguais, a oportunidade de triunfar, que tanto lhe era negada.

Poucos jogadores profissionais podiam se manter com os ganhos do futebol, os salários eram baixos e os jogadores estavam à mercê dos empresários. Uma vez que assinassem com um clube, não podiam vender seus serviços a não ser que seu empresário os liberasse. Logo as associações entre jogadores passaram a surgir. Em 1898, operários formaram o Sindicato de Futebolistas Profissionais e dez anos depois foram reconhecidos pelas autoridades da FA. Era uma tentativa de exercer o poder político que eles detinham e encontrar formas para melhorar as condições estabelecidas. Essas associações apelavam para as multidões que davam sentido ao futebol, e como eram características da classe operária, a importância de se buscar o político por fora da política institucional era uma das poucas formas e não se deve “prejulgar o papel político ativo de um grupo informal não declarado às

autoridades administrativas, ou de uma associação de alegres jogadores de bocha ou de caçadores vigilantes que eventualmente podem contribuir para fazer ou desfazer um candidato” (RIOUX, 1998, p.100). Tinha-se no profissionalismo e em suas lutas um certo sentido, para o

jogador da classe trabalhadora, era uma intrínseca e vital expressão de autoestima. Muito além do que outros *entertainers*, como menestrelis, atores e músicos, um futebolista poderia ‘expandir sua autoestima’ não somente pela ‘incorporação física’ num time, mas também por um competitivo ‘triunfo ou demonstração de sua própria excelência’. O jogo de futebol era uma das poucas avenidas em que um jovem de origens operárias podia ter sua reivindicação de auto-importância internamente satisfeita e publicamente reconhecida (BAKER, 1978, p.247 trad. nossa).

Essa avenida, uma vez aberta não se fechou mais. E o futebol que no início do século XX já se espalhara pelo mundo, se tornava nele profissionalizado.

A Inglaterra do século XIX já era uma potência industrial consolidada. A primeira nação a se industrializar influenciava o mundo ocidental econômica e politicamente. Interessada em mercados consumidores, proibira o tráfico de escravos no atlântico em 1845 através da Lei Bill Aberdeen. Anos depois, dava suporte aos países da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai (1864-1860). O imperialismo inglês não exercia apenas esse tipo de influência, e para além de seus produtos industrializados e sua influência política tinha também “fenômenos sociais e culturais que os acompanhava, mesmo sem premeditação e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade (FRANCO JUNIOR, 2002, p.40). A partir de então, passam a surgir diversos clubes pelo mundo, tanto na Europa Continental, quanto na Ásia, África e América. No continente africano, temos o futebol se desenvolvendo na África do Sul por volta de 1860 e em Gana já no início do século XX, com a formação do Excelsior em 1902. Na Argélia, o colonialismo francês também foi responsável pela formação de alguns clubes ao final do século XIX e início do século XX¹. Na América clubes também se formavam aos bocados, para citar alguns mais tradicionais temos o Penãrol (1891), Flamengo (1895), Vasco da Gama (1898), o River Plate (1901), Racing (1903).

O futebol seguia os rumos do capitalismo e o capitalismo seguia o futebol. As potencialidades do esporte refletiam uma sociedade que necessitava de controle. Para Agostino, ao falar da função do juiz, ou árbitro, evocando Norbert Elias, o autor chega à conclusão de que a função fora criada primeiramente para controlar o tempo de duração das

¹ entrevista com o historiador americano Peter Alegi. Disponível em <https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=127600200>. Acesso em 07/07/2023.

partidas, para auxiliar a marcação do *off-side*, ou impedimento, mas também exercia a função de equilibrar, ou arbitrar o nível de tensão que o jogo exigia, mantendo controlados os níveis de violência entre os jogadores, mostrando então uma das dimensões do esporte que se modernizava: a reorientação da violência espontânea em formas lúdicas e organizadas (AGOSTINO, 2002, p.22). De acordo com Oliveira (2012):

O futebol devidamente disciplinado convergia os interesses dos pedagogos que passam a estimular sua prática nas escolas, como também do capital, que passa a enxergar no esporte um novo aliado, pois servia de ferramenta de doutrinação e formatação dos valores da burguesia, tendo em vista que propagava na sociedade a competitividade dentro de regras pré-estabelecidas (OLIVEIRA, 2012, p.171).

Outra função, essa mais econômica, que o futebol prestava ao capitalismo estava ligada ao seu potencial propagandístico. Alguns industriais, empresários investiam nos clubes e em jogadores pois era uma forma de vincular a sua empresa à fama de tal clube ou jogador.

Nesse ímpeto imperialista, na exportação de elementos da sociedade inglesa pelos seus cidadãos espalhados pelo mundo é que o futebol vai aportar no lugar que ficaria anos mais tarde conhecido como o “país do futebol”. No Brasil, o esporte bretão encontra adeptos aos montes e cai nas graças das elites e do povo, logo se tornando espaço de embates entre as classes que compunham o tecido social brasileiro. Embora o mesmo esporte jogado na Inglaterra e na Europa, o futebol desenvolvido no Brasil ganhou suas particularidades tropicais.

a. O FUTEBOL NO BRASIL: ORIGEM, ORGANIZAÇÃO E POPULARIZAÇÃO

No Brasil o futebol segue trajetória parecida com a que traçou no velho mundo. Parecida, porém não idêntica. O esporte já chega aqui consolidado e codificado. As regras elaboradas em 1863 e as outras consolidadas nas décadas seguintes (como a dos 11 integrantes por time) já eram consenso e o futebol chega no Brasil “pronto”. Não existe um consenso sobre como o futebol é introduzido no Brasil ou qual sua origem. Historiadores como Joel Rufino dos Santos acreditam que o futebol é introduzido no Brasil por Charles Miller, um brasileiro filho de ingleses ligados à classe média paulista, que em uma de suas viagens à Inglaterra trouxe alguns objetos para a prática do futebol como uma bola e uniformes. Já Hilario Franco Jr diz que o futebol já era praticado no Brasil antes de Charles Miller:

No Colégio São Luiz, de Itu, jovens da elite disputavam um jogo aparentado ao *football association*, denominado “bate bolão”, que a partir de 1894 já incorporava

alguns elementos do futebol moderno: onze jogadores para cada lado, traves de madeira e times uniformizados. Outros colégios confessionais e laicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul praticavam futebol desde a década de 1880. Ainda há registros de marinheiros ingleses que jogaram em praias brasileiras em seus dias de folga e até mesmo o registro de uma partida realizada em 1878, no Rio de Janeiro, em frente a residência da princesa Isabel. (FRANCO JR, 2002, p.62)

Independente da visão acerca das origens do futebol no Brasil, é atribuído a Miller também a fundação do primeiro time de futebol brasileiro. Segundo Santos (1981), o São Paulo Athletic Club foi fundado em 1895 em um dos clubes de cricket e squash o qual Charles Miller frequentava, mas que, por não gostar desses esportes acabou por fundar um clube de futebol. A importância da participação de Miller na introdução do futebol de associação se dá também na disseminação das regras da F.A. que o jovem trouxe consigo das suas viagens.

Ainda de acordo com Franco Jr (2002) o futebol no Brasil obedece a algumas tendências como o fato de que as elites queriam se afastar de outros setores sociais e usavam o futebol com esse objetivo, por isso a não permissão a jogadores que não partilhavam a mesma “educação”, as mesmas condições e a mesma cor de pele. Outra tendência é a de que as fronteiras impostas por essa elite começaram a ser transpostas pelas classes subalternas que queriam jogar, mesmo sem as condições ideais como bola apropriada, campo e uniformes, elas iniciam um processo de mimetização que fará o esporte romper as barreiras de classe. Nessa disputa classista, o futebol cumpria com alguns objetivos almejados pela elite e se chocava também com a realidade brasileira. A pedagogia europeia da disciplina do corpo e do controle da violência era louvada por setores da elite brasileira, ao mesmo tempo, “estava a realidade nacional de corpos adestrados no trabalho braçal e habituados aos folguedos das danças populares e a toda sorte de improvisações da arte da malandragem” que iriam definir uma forma específica de se jogar o futebol, um futebol popular (pp. 62-65).

Como já adiantado na seção anterior, o imperialismo e o colonialismo foram decisivos para a difusão do futebol inglês para o mundo. Nos primeiros anos do esporte, ele ficou muito restrito às classes mais altas, os pobres “espiavam por cima do muro” como pontuou Joel Rufino dos Santos e os intelectuais gostavam do futebol. O cenário começaria a mudar a partir da virada do século com a popularização do futebol inicialmente no eixo Rio-São Paulo, depois em Minas Gerais e na Bahia. Santos estabelece algumas razões para a popularização do futebol no Brasil. De cunho mais social e econômico, o historiador atribui o fato à urbanização, ao fim da escravidão e à imigração europeia. Dando o exemplo paulista, o historiador diz que

Em quatro anos, só, São Paulo transpôs o Tamanduateí e triplicou a sua gente. Gente que chegava da roça, principalmente negros que a Abolição “libertara”; e gente que chegava de além mar, principalmente *carcamanos* atraídos pelo café. As ruas andavam cheias, as chácaras eram amputadas para a construção de vilas, os cortiços derramavam gente pelo ladrão, as esquinas pontilhadas de cafés, clubes, prostitutas, caftens, hotéis (SANTOS, 1981, p.21).

Os clubes que surgem no estado de São Paulo se organizam em ligas e conforme o futebol vai se tornando mais popular, fazendo com que os clubes passem a aceitar operários, mestiços, desempregados em seus plantéis, as rixas entre eles se instauram e cisões entre as ligas e federações acontecem na época do amadorismo. O racismo era um dos motivos mais evidentes dessas rixas, as elites se incomodavam com os clubes que permitiam negros ou mestiços em suas fileiras. Arthur Friedenreich, um dos primeiros ídolos do futebol brasileiro alisava os cabelos na tentativa de disfarçar sua origem, filho de pai alemão com uma professora negra. Carlos Alberto, ídolo do Fluminense, procurava disfarçar sua negritude passando pó de arroz no rosto para parecer mais branco. No Rio de Janeiro, o popular Bangu se retirou da liga carioca em 1907 por não concordar com o regulamento que proibia os times de escalar jogadores negros.

O caso do Bangu é um exemplo de como as relações de poder moldaram o futebol no Brasil em seu início. Ligado à fábrica de tecidos Cia. Progresso, o The Bangu Athletic Club começou a chamar operários da fábrica para compor o time, pois apenas com os jogadores ingleses não seria possível jogar, ou seja, não “dava time”. Esses operários então passaram a participar constantemente dos jogos e como eram habilidosos, segundo Caldas (1994), tornaram o time do Bangu mais popular que a própria fábrica da qual surgira e nesse sentido, o time passou a ser um importante veículo de publicidade da empresa, colaborando na divulgação e propaganda da marca e a população então associava os tecidos da Cia Progresso com o vitorioso time de futebol. É interessante estudar o caso do Bangu, pois ele ajuda a compreender como se deu a popularização e a democratização do futebol no Brasil. O sociólogo Waldenyr Caldas, associa essa democratização à fatores como a localização geográfica, o subúrbio do Rio de Janeiro, a lógica de produção industrial, onde os dirigentes da fábrica estimulavam os operários ao jogo do futebol como forma de aumentar a produtividade, pois viam-no como um estimulante. Esses fatores então tornaram o Bangu um time exclusivamente composto por operários, sendo que muitos desses operários eram negros, daí a recusa do time em participar da liga em 1907.

Por estar agora bastante ligado ao operariado e às classes subalternas, o esporte que outrora veio da Inglaterra, começou a sofrer algumas mudanças. No Brasil, as classes médias e altas tiveram a mesma rejeição contra o profissionalismo que tiveram na Inglaterra. Diziam

que só no amadorismo era possível explorar o “espírito olímpico” do esporte e chamavam os jogadores e clubes que recebiam ou davam gratificações de mercenários. Em São Paulo em 1907 a Federação Paulista permitiu que os clubes cobrassem ingresso nos jogos, um passo importante rumo à profissionalização, ainda que a federação não tivesse esse objetivo com a decisão. Ao final da década de 30 o futebol havia se tornado espetáculo com milhares de pessoas indo aos estádios para prestigiar jogadores que recebiam para jogar, como Leônidas da Silva. Anos antes o Brasil tinha se esvaziado de bons jogadores que não achavam justo jogarem num regime de amadorismo. O futebol era um esporte de contato, violento, cansativo e que necessitava de preparo, sem uma remuneração a maioria dos bons jogadores não tinha como sobreviver do esporte, então passavam a buscar países onde o futebol era profissão, como a Itália e a Argentina.

O enorme potencial econômico que o futebol proporcionava a quem o envolvia (menos os jogadores, as partes mais frágeis) começou a ser notado logo cedo. Como já adiantado mais acima, o Bangu popularizou a fábrica de tecidos da Cia. Progresso, através da ligação do sucesso do clube com ela, a cobrança de ingresso nos jogos possibilitava aos clubes um fluxo de caixa que poderia ser revertido em material esportivo, uniformes e até mesmo em estádios. Essa bilheteria patrocinava também uma espécie de semiprofissionalismo. Os jogadores não recebiam salários fixos, mas ganhavam algumas gratificações caso vencessem jogos e campeonatos, era o famoso “bicho”, praticado no Brasil desde 1923, segundo Franco Jr (2002). Essas gratificações variavam, podia ser em forma de dinheiro, mas muitas vezes costumava-se entregar aos jogadores, animais como vacas, ovelhas, galinhas e porcos para o consumo, provavelmente daí vem o nome atribuído à esse tipo de graça. Mas apesar de frequente e prática consolidada, o bicho não era suficiente, muitos jogadores, como o próprio Leônidas, queriam viver do futebol, queriam ser profissionais da bola e para isso precisavam de salários e assistência médica dos clubes.

Se o cenário era de crise na sociedade brasileira dos anos 1920, não mudava muito no futebol, os debates sobre o profissionalismo eram acalorados, de um lado jogadores de outro dirigentes dos clubes. Um caso clássico a ser comentado sobre a recusa de alguns clubes tradicionais de aderir ao profissionalismo é o do Club Athletico Paulistano. No ano de 1926, esse clube funda a Liga de Amadores de Futebol (LAF) fazendo com que o campeonato paulista tivesse duas versões entre 1926 e 1929. Em 1930 o torneio volta a ser disputado em uma única versão e o Paulistano contrário a profissionalização eminente dos clubes paulistas, fecha seu departamento de futebol. O Paulistano atualmente ainda existe, é um tradicional clube de esportes de São Paulo e não voltou mais a disputar a modalidade do futebol, ainda

assim é o quarto maior vencedor do campeonato paulista, com 11 títulos².

A Revolução de 1930 que veio para solapar as bases do regime oligárquico da Primeira República, cobrou o último tiro de meta antes do fim do jogo no campo das discussões. A política trabalhista de Getúlio Vargas acabou por beneficiar e muito o profissional da bola. Segundo Waldenyr Caldas, “o item 15 do programa é importante nesse sentido. Seu texto fala em “instituir o Ministério do Trabalho, destinado a superintender a questão social, o amparo e a defesa do operariado urbano e rural” (CALDAS,1994, p.45), uma série de profissões foi regularizada com a Legislação Trabalhista, inclusive a de jogador de futebol em 1933. Durante o primeiro governo Vargas, a sociedade brasileira viveu um período de constituição da identidade nacional. Não somente a identidade nacional sob a ótica dos governantes, da disciplina e da ordem, mas também sob a ótica dos governados, das reivindicações de melhores condições de trabalho, da luta por direitos. O futebol então se faz instrumento dessa construção em várias frentes, Getúlio Vargas vai perceber seu potencial e explorá-lo da mesma forma com que os jogadores vão compreender o momento e buscar legitimar sua profissão, os trabalhadores vão entendê-lo como momento de lazer e de união. Nesse período, após a profissionalização em 1933, passa-se a buscar um tipo ideal de jogador, um tipo que José Paulo Florenzano (1998) vai chamar de “jogador-disciplinar” e em contrapartida, o Estado e alguns setores da imprensa, aliados aos interesses do trabalhismo varguista, irão condenar o “jogador-problema” (apud MACHADO, 2009, p.314). Isso por que, o jogador-disciplinar será mostrado como o modelo do povo brasileiro ao representar a Seleção Brasileira. A Copa do Mundo de 1938 é um exemplo disso. A primeira e única Copa do Mundo do Estado Novo deveria mostrar ao mundo a nacionalidade brasileira, ali seria exaltada uma

disciplinarização que passava pelo controle dos corpos visando sua utilização como força de trabalho e sua subordinação política como garantia de harmonia social e da preservação da ordem vigente. Dentre outras coisas, pretendia-se a formação de um homem brasileiro que deveria ser marcado pelo espírito de obediência, uma sociedade composta por indivíduos aperfeiçoados física e moralmente. Logo, este aspecto constituinte do projeto do varguista destinava-se a constituição de uma “nação” pujante e forte através da educação física, moral e cívica dos cidadãos. (MACHADO, 2009, p.315)

O futebol para o primeiro governo Vargas (1930-45) exibiu uma certa importância que era revelada nos posicionamentos de Gustavo Capanema e do Exército acerca do esporte. Para Capanema o esporte teria a função de despertar a atividade física a fim de tornar cidadão

² Os campeões do Campeonato Paulista: <https://www.futebolpaulista.com.br/Clubes/TodosCampeoes.aspx>

apto para o trabalho, e deveria ser desenvolvida a educação moral e cívica enquanto esportista. Para os militares, a educação física era vista como necessidade básica de preparação para o corpo militar e como forma de criar um hábito de disciplina no corpo social.

A ideia de jogador-disciplinar e jogador-problema seguiu durante as próximas décadas e contribuiu para a construção dos mitos futebolísticos e para a relação desses mitos com a construção da identidade nacional. Em seu artigo “Mitos, futebol e identidade nacional”, o historiador Denaldo Alchorne de Souza analisa como alguns mitos do futebol dos anos 30, 40, 50, 60 e 70 contribuíram para a construção de uma identidade do brasileiro. São três jogadores apresentados pelo autor que segundo ele estão estritamente ligados à construção da identidade nacional por meio do futebol: Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, e Manoel Francisco dos Santos, o Garrincha. Os três jogaram em épocas diferentes participaram de períodos distintos da história nacional e da História do Futebol, o desenvolvimento do esporte foi diferente para cada um, mas ainda assim podemos estabelecer algumas relações de semelhança entre eles e, a partir da análise do percurso e das representações que cada um teve para a sociedade brasileira em suas mais variadas facetas, compreendermos também como se desenrolou a História do futebol brasileiro nessas décadas. Primeiramente, vamos nos debruçar melhor sobre trajetória de cada um.

Leônidas da Silva, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1913, negro, baixinho, insolente e pobre, como define seu biógrafo André Ribeiro (2000), começou sua carreira no futebol em 1926 aos 13 anos e jogou até 1950, quando encerrou-a no São Paulo Futebol Clube. Jogou em três dos quatro grandes do Rio, Flamengo, Vasco e Botafogo. Teve sua fama reconhecida mundialmente na Copa do Mundo de 1938 disputada na França, na qual o Brasil ficou com terceiro lugar. Como já adiantado a Copa de 38 foi percebida pelo governo Vargas como um poderoso instrumento político de fomentador da disciplina como norte da organização social. Como então, um jogador “insolente” como Leônidas seria o personagem principal desse campeonato? Temos que compreender primeiramente qual era o ideal de *nação* que os trabalhadores, aqueles que conferiam fama a qualquer ídolo, tinham. A construção da nação pelo jogo de bola estava ligada pelos trabalhadores ao “mundo do lazer” e não ao “mundo do trabalho” como queria o estado varguista. É aí que entra a figura de Leônidas como representante da identidade nacional que o povo adquiria através do futebol. (MACHADO, 2009). Leônidas queria ser jogador profissional, via o futebol não só como diversão, pois gostava de jogar, mas também como trabalho e o conseguiu após a

oficialização do profissionalismo em 1933. Segundo Machado,

A simpatia por Leônidas não se devia somente à sua identificação com torcedores, mas também a visão de brasilidade que dividia com eles na qual os ideais de felicidade e de justiça eram bem diversos dos oficiais, não se encontrando no mundo do trabalho, como na versão governamental, mas no mundo do lazer e do convívio social. Quando, a partir de 1930, começou-se a verificar toda uma estratégia político-ideológica centrada na promoção do valor do trabalho e da disciplina, parte dos trabalhadores passou a associar esse “novo mundo” oferecido pelos governantes à opressão e ao desprazer. Por mais que trabalhasse, os resultados eram sempre os mesmos: ausência de dinheiro, falta de moradia, escassez de comida, muito desrespeito e pouco lazer. Para os trabalhadores, o mito de Leônidas da Silva representava o oposto. Era a transgressão à ordem vigente, por não aceitar os valores e a disciplina impostos de cima, mas era também a esperança de reconstruir um Brasil melhor, identificado ao lazer e à alegria (SOUZA, 2020, p.191). Quando o futebol se tornou espetáculo, quando o público da cancha deixou de ser apenas de donzelas e *gentlemen* e passou a ser composto por povo, a mágica do Diamante Negro se tornou necessária, por que o povo queria ver o jogo habilidoso, bem jogado e brilhante de Leônidas, então apesar da indisciplina, o craque ganhara seu lugar nos selecionados que disputariam a Copa de 1938. Essa identificação e simpatia do povo pelo Diamante Negro fez com que, mesmo na eliminação do Brasil do mundial para a Itália, ele fosse eximido de culpa e os trabalhadores comemoram como se o Brasil tivesse ganhado a Copa quando os jogadores chegaram de volta da França. A Seleção Brasileira tinha sido a campeã moral do torneio, e Leônidas da Silva tinha se tornado ídolo de um povo.

Manoel Francisco dos Santos, nascido no povoado de Pau Grande no Rio de Janeiro em 1933, popularmente conhecido como Mané Garrincha foi outro ídolo nacional, mito futebolístico que se encaixava na categoria do jogador-problema. Famoso por seus dribles desconcertantes, fez carreira no Botafogo-RJ e na Seleção Brasileira ganhou dois mundiais em 1958 e em 1962. Nas palavras do escritor uruguaio Eduardo Galeano³:

Garrincha exercia suas picardias de malandro na lateral do campo, no lado direito, longe do centro: criado nos subúrbios, jogava nos subúrbios. Jogava para um time chamado Botafogo, e esse era ele: o Botafogo que incendiava os estádios, louco por cachaça e por tudo que ardesse, o que fugia das concentrações, pulando pela janela, porque dos terrenos baldios longínquos o chamava alguma bola que pedia para ser jogada, alguma música que exigia ser dançada, alguma mulher que queria ser beijada.

Galeano captou muito bem a essência de Garrincha nesse fragmento escrito em 2007. O homem era ardente, amava a bola como a bola o amava e não relutava em viver a vida como jogava o jogo, criativamente. Esse excerto de Galeano também nos possibilita perceber por que Mané era um exemplo de jogador-problema: “fugia das concentrações” e era “louco por

³ Eduardo Galeano: Garrincha. Disponível em <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/eduardo-galeano-garrincha/> Acesso em 07/07/2023.

cachaça”, um perfeito exemplo de tudo aquilo que o Estado varguista um dia condenou e desestimulou com Leônidas da Silva.

Apesar de todo seu sucesso nos gramados, da sua habilidade, dos seus títulos, Mané Garrincha não perdera sua essência. Segundo Machado (2020) quando não estava jogando futebol Garrincha estava caçando passarinhos, tomando uma cerveja num boteco, namorando, visitando o povoado onde nascera. Mas é impossível para nós compreendermos o mundo do futebol de Mané Garrincha sem compreender o mundo do futebol de Pelé.

Edson Arantes do Nascimento, mineiro nascido em Três Corações, em 1940, começou a jogar muito cedo e em 1955, aos 15 anos se tornava profissional pelo Santos Futebol Clube, time da cidade litorânea de Santos no estado de São Paulo. Pelé foi o jogador completo, velocidade, passe, drible, habilidade sem igual, visão de jogo tanto no individual quanto no coletivo, em dados oficiais considerados pela Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), Pelé marcou 762 gols e deu 357 assistências⁴ (ação que ocorre quando um jogador dá um passe para outro marcar o gol). Futebolisticamente, é inegável que Pelé foi um dos maiores, senão o maior jogador da história. Fora dos campos Pelé era um exemplo de cidadão vivente na “democracia racial” que Gilberto Freyre pensou para o Brasil. Viera de uma família humilde, quando criança engraxava sapatos para ganhar uns trocados e ajudar em casa. Seus pais batalharam para cria-lo bem como para criar seus irmãos e Pelé sabia disso. Quando se tornou jogador não esqueceu a família e os amigos, ganhou dinheiro com a bola, mas não jogava porque a bola lhe enriquecera, mas sim porque a amava. Sua relação com o país era das melhores, exaltava o patriotismo, estava sempre a postos para representar o Brasil em competições internacionais, amistosos nacionais pela Seleção. De acordo com Machado (2020) Pelé representava o mundo da ordem, pois mesmo com as suas condições adversas, a pobreza, ser negro num país racista, nascer no interior do Brasil enquanto o futebol se desenvolvia principalmente nas capitais, ele era focado em seus objetivos e os conquistara. Já Garrincha representava o mundo do prazer, da paixão.

Os mundos de Pelé e de Garrincha não eram antagonicos para os trabalhadores, eles se completavam. Era necessário ser como Pelé, trabalhador, disciplinado, focado em seus objetivos, mas também era necessário ser como Garrincha, desprezioso, lúdico, voltar-se

⁴ O recorde de gols de Pelé: números que coroam o Rei do Futebol, disponível em <https://olympics.com/pt/noticias/pele-quantos-gols-marcados-futebol-carreira>. Acesso em 07/07/2023.

para o lazer. Nas palavras de Machado. “ordem e desordem são dois aspectos de um mesmo fenômeno: o da identidade brasileira forjada pelas classes trabalhadoras” (MACHADO, 2020, 196).

Já tendo o seu potencial agregador reconhecido desde a Primeira República e explorado com mais organização e empenho no Governo Vargas, o esporte nos próximos anos passou a ser visto em sua totalidade como um aliado dos donos do poder. É claro, todas as práticas e indivíduos que fugiam ao controle do Estado, seja do estado autoritário de Vargas, da democracia liberal de Dutra e Juscelino, ou do autoritarismo reformulado dos militares de 64, era reprimido e censurado. Como o objeto dessa dissertação é compreender o futebol como instrumento da luta por liberdade, na próxima seção, buscarei na história do futebol, exemplos individuais e coletivos que usaram o esporte, ou foram usados por ele na busca de liberdades políticas que outrora possam ter sido negadas.

1.2 O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE RESISTENCIA POPULAR: ALGUNS CASOS PROPEDÊUTICOS

Durante as várias décadas em que o futebol esteve presente na América Latina e no Brasil, houve vários momentos em que foi utilizado por governos para a concretização de seus objetivos políticos e econômicos. Vimos, acima, exemplos de como durante a História do Futebol, esse foi usado pela burguesia representada no poder por Vargas e pelos generais, como uma ferramenta de legitimação e afirmação de seus interesses. Apesar disso, não podemos dizer que o futebol somente serve a um senhor. Conforme o antropólogo Roberto Da Matta o futebol é uma das principais instituições sociais do Brasil, refletindo suas principais características. O autor acredita que o futebol tem um papel fundamental na construção da democracia pois segundo ele:

O futebol, por ser uma atividade que envolve competição e disputa, pode ser um veículo importante para a construção de valores democráticos. É no campo de futebol que as regras são estabelecidas e cumpridas por todos os jogadores, independentemente de sua posição social ou econômica. Todos devem seguir as mesmas regras e respeitar o árbitro, que é a autoridade máxima dentro do campo. Esses valores de igualdade, respeito e justiça podem ser transferidos para a sociedade como um todo, contribuindo para a formação de uma cultura democrática. (DA MATTA, 1982, p. 36)

Além disso, o futebol é um esporte que tem a capacidade de unir pessoas de diferentes classes sociais, gêneros e etnias em torno de um objetivo comum. Da Matta

argumenta que essa capacidade do futebol de unir pessoas de diferentes origens é fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática, pois ajuda a reduzir as desigualdades e a promover a inclusão social. De acordo com o autor:

Embora seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados parâmetros capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. A começar pela possibilidade de projetar, no campo e na partida que produz, emoções, mitos e fantasias individuais e coletivas, tirando do espetáculo — como Nelson Rodrigues percebeu; melhor do que ninguém — qualquer possibilidade "objetiva" ou unidimensional, isto é, qualquer possibilidade de uma redução do "jogo de futebol" a algo sem espessura ou densidade. (DA MATTA, 1982, p.145)

A partir então do que nos mostra Roberto DaMatta o futebol também pode ser apropriado pelos próprios trabalhadores, sejam eles trabalhadores da bola ou trabalhadores no sentido geral da palavra. Essas apropriações são diversas e podem acontecer individual ou coletivamente, por meio de associações, como demonstrarei mais adiante. Nessa seção tratarei de alguns desses exemplos pelos quais se age por meio do futebol na busca de liberdade política ou liberdade individual, em tempos nos quais essas liberdades são negadas aos indivíduos ou às instituições coletivas. Abordarei exemplos como a formação da Asociación Atlética Argentino Juniors, para exemplificar que o processo de luta por liberdades através do futebol não acontece somente em regimes autoritários com suspensão das liberdades políticas, mas também daquelas socialmente negadas através da estrutura do sistema capitalista e que esse uso popular do futebol para questionamento da ordem vigente não é restrito apenas a alguns países, mas um processo que ocorre em lugares das mais variadas configurações sociais. Outro exemplo é a trajetória futebolística, social e política do jogador José Reinaldo de Lima

Antes do mais, ao analisar esses casos faz-se necessário lançarmos mão do conceito de cultura política como foi desenvolvido por Serge Berstein. que pode ser sintetizado como o conjunto de crenças, normas, atitudes que são compartilhados por uma sociedade e tem como objetivo os fenômenos políticos, ou seja, como os conhecimentos relativos a instituições, prática política ou forças políticas estão distribuídos entre os integrantes de uma sociedade e como esses conhecimentos são usados pelos indivíduos para atuar politicamente. Pode-se utilizar essa categoria de análise para buscar compreender de que formas os cidadãos e cidadãs do período em questão se relacionam com o campo político, como suas leituras do passado e do futuro se articulam para movimentar no presente os esforços necessários para uma transformação política e social deste presente. De acordo com Berstein, a cultura

política trata

[...] das motivações dos atos dos homens num momento da história, por referência ao sistema de valores, de normas e crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade, do lugar que nele têm e da imagem que têm da felicidade. Todos os elementos respeitantes ao ser profundo que variam em função da sociedade em que são elaborados e que permitem perceber melhor as razões dos atos políticos que surgem, pelo contrário como epifenômenos (BERSTEIN, 1998, p.363).

Tem-se então uma definição que mostra o papel das individualidades partilhadas no coletivo. São aspirações que homens e mulheres compartilham para dar sentido ao político e atuarem politicamente com intenção de modificar uma estrutura já existente. Ao nos referirmos ao tema deste projeto, podemos utilizar essa ideia com o objetivo de verificar como esses indivíduos se organizam para atuação política e como contribuem para criar ou reforçar determinada cultura política já existente.

Vamos ao caso do Argentino Juniors. Inicialmente o clube não possuía esse nome, não era ao menos um clube, eram dois. O Argentino Juniors surgiu da junção do Mártires de Chicago e do Sol de la Victoria, ambos de clubes amigos da zona leste de Buenos Aires, Argentina. A história do Argentino Juniors com o campo das lutas políticas e sociais já começa pelo nome dos dois clubes formadores: Martires de Chicago e Sol de la Victoria. Os nomes são duas homenagens, o primeiro faz referência à Revolta de Haymarket ocorrido em 1886, que dá origem também ao Dia do Trabalhador em 1º de maio. A revolta ocorreu em Chicago quando trabalhadores se manifestavam em favor de uma diminuição na jornada de trabalho, exigindo que essa fosse de oito horas diárias. Ela se iniciou após uma bomba explodir próximo à policiais que acompanhavam a manifestação e esses reagirem à explosão, abrindo fogo contra a multidão. O saldo da revolta foi de mortos, feridos e centenas de manifestantes presos. Já o Sol da Vitória era inspirado no hino dos socialistas italianos que continha na letra palavras como a “bandeira livre” e o “sol do porvir”. A formação do Argentino Juniors nos mostra que o povo já no início do século, na América Latina já se apropriava do futebol como forma de questionamento da ordem estabelecida. Segundo Agostino,

Algumas agremiações nasceram com motivações não só operárias, mas claramente questionadoras em relação ao modelo vigente. O Argentino Juniors é um caso exemplar, uma vez que a equipe surgiu em 1905 da fusão de dois modestos clubes: os Mártires de Chicago e o Primeiro de Maio, duas evidentes referências às lutas dos trabalhadores contra a ordem capitalista. Não por acaso a cor da camisa da equipe escolhida foi a vermelha. No mesmo ano, ainda em Buenos Aires, empregados do comércio decidiram fundar um clube sem a interferência dos padrões endinheirados de Avellaneda, surgindo o Independiente (AGOSTINO, 2002, p.27-28).

Podemos notar que apesar de uma cultura política hegemônica na Argentina do início do século, onde a ordem capitalista e aristocrática era predominante, ainda existiam focos de tipos de pensamentos diferentes dada a amplitude do extrato social argentino. Coisa parecida ocorre no próximo caso que irei abordar, os posicionamentos “rebeldes” do jogador Reinaldo, ídolo do Clube Atlético Mineiro na década de 1970 e que representou o Brasil inúmeras vezes por meio da Seleção Brasileira de Futebol.

José Reinaldo de Lima, nascido em Ponte Nova, município de Minas Gerais, em 1957 foi um jogador de futebol que atuava como atacante e teve grande parte de sua carreira no Clube Atlético Mineiro, tradicional time de futebol de Minas Gerais. Reinaldo, como ficou conhecido, atuou também pela Seleção Brasileira, jogando a Copa do Mundo de 1978 ocorrida na Argentina, onde marcou o primeiro gol do Brasil no torneio. O jogador ficou conhecido também por suas “polêmicas” ações em pleno regime militar brasileiro, essas ações são as que nos interessam. Reinaldo era considerado pela imprensa alternativa da década de 70, como um jogador consciente da situação política do país e assim, capaz de se expressar em campo e fora dele com posicionamentos que eram contrários à ordem hegemônica militar do período. O gesto que marcou a carreira dele está presente justamente na comemoração de seus gols, o ponto alto do jogo de futebol, o momento em que as massas estão em êxtase. Quando a bola atravessava a linha de fundo abaixo das traves, Reinaldo por tantas vezes levantava o punho direito cerrado e desfilava pelo campo com ele levantado, fez isso inúmeras vezes durante o Campeonato Brasileiro de 1977, onde foi artilheiro da competição. O ponto alto das manifestações de Reinaldo ocorreu justamente na Copa do Mundo de 1978, na Argentina, que também passava por um regime autoritário comandado pelo general Videla. Ao marcar o primeiro gol da Seleção no jogo contra a Suécia, o homem fez a sua comemoração característica que emulava o gesto de Tommie Smith e John Carlos nas Olimpíadas de 1968, dez anos antes. Reinaldo estava consciente de seus atos é obvio, e tinha consciência do momento único em que estava sendo televisionado para o mundo todo, mas principalmente para o Brasil. Ele tinha plena convicção de seus posicionamentos e queria amplificá-los através da cobertura midiática que a Copa do Mundo recebia, ele reproduzia por meio do futebol um posicionamento completamente contrário ao modelo hegemônico vigente, autoritário, mostrando que mesmo em períodos em que as liberdades políticas e individuais estão sendo cerceadas, os indivíduos ainda mantêm uma cultura política de luta por seus ideais. De acordo com o próprio jogador, em entrevista concedida a Euclides de Freitas Couto, seu desejo de se posicionar era tanto que mesmo sabendo que sua carreira estava em jogo ele não relutava:

Foi consciente. Como eu te falei, eu tinha esse espaço na mídia e tinha essas tribunas. Eu recebia mais de 500 cartas por dia do Brasil inteiro. Eu era artilheiro do campeonato brasileiro, eu dava essas entrevistas todas. Eu era uma celebridade, andava nas ruas e as pessoas me paravam. Eu era o destaque do futebol brasileiro. Era um momento que eu tinha tudo ali pra falar e eu quis aproveitar justamente esse momento que foi também de muita coragem. E por isso eu também sofri muitas retaliações que acabou até prejudicando a minha carteira. (COUTO, 2007, p.15)

Vimos então no decorrer do capítulo como as origens do futebol estão ligadas as camadas populares da sociedade, bem como sua popularização passa exatamente pelas mudanças no mundo do trabalho enfrentadas pelas classes menos favorecidas ao final do século XIX e início do século XX. Também que a História do Futebol no Brasil é recheada de contribuições efusivas provenientes do povo: dos pobres, dos negros, dos imigrantes. Vimos como o Estado através dos governos imprime seus valores na sociedade através do futebol e vimos como a população imprime e reproduz seus próprios através do esporte. Por fim, acompanhamos dois exemplos de como associações coletivas e indivíduos se apropriam do futebol para lutar por liberdades sociais e políticas. Essas lutas serão o tema do próximo

capítulo, onde abordarei o caso do movimento da década de 1980 ocorrido no Sport Club Corinthians Paulistas, onde jogadores, dirigentes e funcionários do clube criaram uma forma de autogestão denominada Democracia Corinthiana, nos momentos finais, mas ainda autoritários da ditadura militar iniciada em 1964.

1.3 A HISTÓRIA DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA

Dito isso, nessa sessão abordarei a história do Corinthians, passando por sua origem, suas ligações com o campo popular, seus mitos fundadores, a ideia de raça, suas contradições e sua torcida.

Fundado em 1º de setembro de 1910 no bairro do Bom Retiro na cidade de São Paulo, o Sport Club Corinthians Paulista é conhecido atualmente por suas ligações com o “povo”, com as massas trabalhadoras e com causas sociais tantas. O clube nasce num bairro operário da São Paulo dos anos 1910 e seus fundadores, que são cinco, são oriundos das fábricas. Essa relação do clube com o operariado é constantemente reforçada pelo clube enquanto instituição e por sua torcida que faz questão de colocar o Corinthians como o

legítimo “Time do povo” (NEGREIROS, 2020). Apesar dessa alcunha, o Corinthians, como a maior parte dos times de futebol no Brasil, possui suas tradições inventadas (Hobsbawm, 2012), porém isso não anula o fato de sua ligação com as classes subalternas.

O Corinthians não nasceu o “time do povo”, não nasceu envolto em causas sociais, não nasceu como o grande clube que é hoje, existe uma série de contradições entre as tradições inventadas e a história do Corinthians como se tem nas fontes históricas da época e isso não diminui os méritos do time em estar ligado às massas trabalhadores e estar ligado às ideias de justiça social, mas sim dizem bastante sobre o período em que o clube foi criado, sobre o momento em que a sociedade e o esporte brasileiros viviam.

A história reforçada pelo clube diz que o Corinthians nasceu no seio das classes operárias, inclusive a primeira bola de futebol foi fruto de uma “vaquinha” feita pelos primeiros sócios⁵, o primeiro escudo usado nos uniformes foi costurado pela esposa de um dos fundadores. Também reforça o fato de o clube ter sido pioneiro na popularização do futebol em São Paulo ao lutar para que as classes mais baixas também pudessem ter acesso ao futebol⁶. Dito isso, podemos através das fontes históricas como atas de reunião tanto do clube quanto das organizações de clubes da época, traçar alguns comentários sobre essas características do “time do povo”, os valores que se relacionam com o clube.

Primeiramente, devemos nos lembrar que no começo do século XX, o futebol era um esporte restrito à classes média-alta da sociedade. Um clube como o Corinthians, que surge num bairro operário, como era o Bom Retiro, não tinha lugar no chamado futebol oficial, aquele que era jogado no Velódromo, o estádio onde jogavam os clubes da aristocracia paulista organizados na Liga de Futebol Paulista (LFP). Apesar do clube exaltar que sempre foi um entusiasta e um grande responsável pela popularização do futebol no Brasil (e sim, teve uma grande responsabilidade nesse sentido), o Corinthians também se rendeu ao futebol oficial, à aristocracia paulista e inclusive tentou se distanciar dos demais clubes de bairro. Mesmo por que quando tenta se filiar a LFP em 1912 o Corinthians já está se tornando um time da cidade de São Paulo (Negreiros, 2020).

No sentido de tentar se filiar a LFP o Corinthians teve que fazer algumas concessões, era preciso alcançar o progresso esportivo, moral e financeiro. O progresso esportivo estava ligado à capacidade futebolística de seus jogadores, o financeiro às suas dependências, campo de treinamento, capacidade de se gerir financeiramente. Já o progresso moral estava

⁵ A Fundação do Corinthians, disponível em https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_fundacao_do_corinthians

⁶ Há 107 anos, Corinthians atuava pela primeira vez com camisa listrada, disponível em <https://www.corinthians.com.br/noticias/ha-107-anos-corinthians-atuava-pela-primeira-vez-com-camisa-listrada>

ligado aos valores da liga, era necessário portar esses valores, mostrar-se um clube de *sportsmen*, ter boa educação, saber conviver com a alta classe da sociedade paulistana, era preciso também ser um clube branco, como nos mostra Florenzano:

O próprio time do povo, ao contrário do que afirma seu mito de origem, participava desses jogos de exclusão, conforme revela o relato do jornalista Thomaz Mazzoni: 'Em 1914, o Corinthians não havia incluído em seu quadro o extraordinário centromédio David, por ser um *colored*'. (FLORENZANO, 2021, p.172)

Nesse sentido, é importante ressaltar que a sociedade brasileira passava por um período de recém abolição da escravidão e o racismo era um problema que se estendia a toda a vida social brasileira, inclusive a esportiva.

O Corinthians só passaria a se colocar lado a lado com os direitos das populações negras na década de 1920 (STREAPCO, 2018). Segundo João Paulo França Streapco, durante toda a década de 1920 apenas um jogador negro vestiu a camisa do Corinthians, o atacante Altino Marcondes, popular Tatu. É a partir dos anos 1930 que os jogadores negros vão ocupar em grande quantidade os grandes times de São Paulo, porque como abordado no Capítulo 1, a relutância em profissionalizar o futebol no Brasil levou a um êxodo de jogadores para a Europa a partir de 1930. O Corinthians entra na década de trinta como o melhor time, tecnicamente, do futebol paulista e ao perder vários jogadores para o exterior, se vê na necessidade de buscar os jogadores negros para tentar manter sua hegemonia. É preciso também observar o fato de que isso não é uma exclusividade do Corinthians e acontece simultaneamente nos outros clubes de São Paulo, com exceção do Palestra Itália, que só terá a inserção de jogadores negros a partir dos anos 1940 (STREAPCO, 2018). Porém, mesmo com o fato de no início o Corinthians ter jogado os jogos de exclusão, freando a participação de jogadores negros em seu plantel,

o imaginário corintiano atrelado às comunidades espanholas e negras foi resultado dos conflitos étnicos das décadas de 1920 e 1930, marcadas pela formação de intensa rivalidade entre as equipes palestrina e corintiana, pelo surgimento do termo derby e pelo apogeu do fascismo no Palestra Itália. (STREAPCO, 2018. P.199)

Tendo esses apontamentos em vista, devemos nos desvencilhar dos mitos de origem em nossa análise, as tradições inventadas servem para nos mostrar que caminho o clube decidiu seguir e como ele foi afetado pela sociedade da época, pela política e pela cultura. Não é possível deslocar o clube de seu tempo, da mesma forma que não é possível retirar a torcida corinthiana de seu lugar social ao analisá-la. Inclusive, faz-se necessário também falar sobre as origens da torcida corinthiana, tida como uma das mais apaixonadas do país e que muitas vezes se coloca na vanguarda para defender ideias democráticas.

"Todo time tem uma torcida. O Corinthians é uma torcida que tem um time", essa máxima proferida pelo jornalista José Roberto Aquino traduz em poucas palavras a relação passional e quase religiosa que o Corinthians tem com seus torcedores e vice-versa. Um clube de operários, de pobres, de excluídos, o time do povo, assim faz questão de se auto referir em postagens nas redes sociais, ações e campanhas de marketing. O Corinthians é um clube ligado às classes trabalhadoras desde sua fundação. Primeiramente pelo próprio lugar geográfico em que viu a luz do dia, ou como diz o mito de fundação do clube “a luz de um lampião”⁷. Segundo Watney e Rosolino (2021) no Bom Retiro

havia agitação política, estudantil, esportiva e cultural, com peças teatrais inspiradas nas ideias dos ativistas Bakunin e Malatesta. Na região, estavam estabelecidos o Liceu de Artes e Ofícios, o Desinfetório Central e a escola libertária Germinal, além de várias células de tendência anarquista, interessadas em projetos de autogestão popular. (WATNEY, ROSOLINO, 2021, p.55)

Ano a ano o Corinthians ia se tornando um clube cada vez mais popular, seus torcedores já não se restringiam apenas ao Bom Retiro e conforme crescia, o “time do povo” muda de região, sai da área central da cidade de São Paulo e se estabelece na Zona Leste, uma outra região marcada pela vida operária e fabril e ali adquire em 1928 a sua sede atual, o Parque São Jorge. Novamente invocando Watney e Rosolino (2021), o Corinthians surge como uma possibilidade aonde

as lavadeiras do Glicério, os boleiros da Várzea do Carmo, os ferroviários de mãos calosas, as tecelãs mal pagas, as enfermeiras dedicadas, os combatentes da saúde pública, os barbeiros, os alfaiates, os braçais, os estudantes de artes, os pintores, os pedreiros, os engraxates, os padeiros e todos os sonhadores da terra de Tibiriçá tinham um time para chamar de seu: Sport Clube Corinthians Paulista. (WATNEY, ROSOLINO, 2021, p.57)

Ainda sobre a torcida corinthiana Negreiros (1992) pontua, “o Corinthians, proveniente do futebol de várzea, afigurara-se como a agremiação na qual as classes populares podiam se reconhecer, especialmente a parte composta pelas comunidades negra, logo em seguida, pelos imigrantes nordestinos” (NEGREIROS apud FLORENZANO, 2021, p.171). Essa preferência da população negra e migrante pelo Corinthians fez parte de um contexto de popularização do esporte nos anos 1920-1930, uma vez que o clube era acessível, financeira e geograficamente, e permitia aos torcedores nutrirem um sentimento de pertencimento para com o time, “uma torcida que tem um time”.

Nessa toada, de ligação estreita com as classes populares, o Corinthians constrói sua

⁷ Identidade, disponível em <https://www.corinthians.com.br/clube/identidade#:~:text=O%20Corinthians%20%C3%A9%20uma%20torcida,o%20Torneio%20Rio%2DS%C3%A3o%20Paulo.>

identidade pelas mãos desses setores ao mesmo tempo em que faz parte da construção da identidade da torcida. Duas características principais do “time do povo” e da sua torcida são a “raça” e a resiliência. Vamos nos deter ao último. Já falamos sobre as dificuldades encontradas pelos fundadores do time para ganhar lugar no futebol oficial paulista, após isso o Corinthians acaba passando pela seca de títulos entre 1954 e 1977, período em que o Corinthians ficou sem conquistar nenhum título de grande expressão. O primeiro título nacional só vem em 1990, 29 anos após a primeira edição do Campeonato Brasileiro. Em 2007 o time é rebaixado para a Série B desse mesmo campeonato, soma-se a isso o fato de o clube não possuir um estádio que faça jus ao tamanho de sua torcida e tenha que jogar seus jogos no estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, ou alugar junto ao rival São Paulo Futebol Clube, o Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi. Dois desses episódios forjaram a identidade da torcida Corinthiana, o primeiro inconscientemente e o segundo deliberadamente. O primeiro foi a seca de títulos entre 1954 e 1977, período esse que mesmo abalando o brio do torcedor não impediu a torcida corinthiana de crescer em quantidade. Em 1976, um ano antes do fim do jejum ela realiza uma invasão ao Rio de Janeiro, onde seria realizada a semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976, no Maracanã: quase 70 mil torcedores deixam São Paulo em caravanas rumo ao Rio⁸, algo até então inédito na história do futebol brasileiro. Ou seja, apesar das dificuldades, do momento nada favorável, a torcida corinthiana custava a desistir do seu time.

O segundo episódio, esse mais recente, acontece em 2007, ano em que o Corinthians é rebaixado para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro após uma série de polêmicas envolvendo corrupção de dirigentes e empresários a frente do time. Nesse momento consolida-se uma tradição que há algum tempo vinha tomando o imaginário do torcedor: a lealdade. Cria-se uma campanha espontânea vinda dos gritos da torcida durante os jogos: “Eu nunca vou te abandonar, por que eu te amo”, aonde vemos que o caráter passional e quase religioso está novamente presente, vindo de uma torcida flagelada, estigmatizada, rotulada com a alcunha de “bandido”; “maloqueiro”, o qual ela mesma toma para si.

Anterior a essa ideia de torcida resiliente, que não abandona o time, não se abala diante das dificuldades, está o sentimento de “raça” e “amor à camisa” que os torcedores corinthianos mais valorizam na história do time. Essa *raça* no imaginário do time e da torcida também está ligada às dificuldades supostamente existentes na história do clube e que por certo eram parte do cotidiano das classes populares, conforme nos mostra

⁸ A invasão corinthiana no Maracanã, disponível em https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_invasao_corinthiana_no_maracana

Florenzano:

A força cultural do Corinthians, refletida no crescimento exponencial de uma torcida que o conduzia, em meados da década de 50, à condição de Time do Povo, estava no poder dessa representação coletiva ou, melhor, no fato de se constituir no símbolo dos grupos subalterno e de lhes servir de veículo para expressar os seus anseios e as suas emoções (FLORENZANO, 2020, p.174)

Essa ligação do clube com as classes populares, com a ideia de superação que elas têm em sua trajetória acaba sendo reforçado pelo próprio clube com o objetivo de manter sua identidade, segundo Soares (2023):

Os estereótipos servem para reafirmar ideias pré concebidas, mas também para firmar a identidade, isto é, o torcedor corinthiano abraça essa identidade popular e politizada, independentemente de sua classe social- bem como o indivíduo trabalhador urbano, parte da massa populacional e muitas vezes já politizado, se identifica com o clube e se torna um torcedor, parte deste projeto de nação imaginada, desenvolve afeto, identificação e investe nessa ideia, assim, evidenciando nossa ideia principal aqui estabelecida de que a identidade do torcedor é formada pelo clube ao mesmo tempo que a identidade do clube é formada pelo torcedor. (SOARES, 2023, p.29).

Vemos que ao formar e reforçar a identidade num processo de retroalimentação, onde o clube e a torcida se complementam no que diz respeito às identidades formadas, a ligação com o caráter social e cultural do clube-torcida fica bastante evidente. Uma espécie de cultura política (Berstein, 1998) nasce junto com o ímpeto identitário corinthiano. Segundo Antônio Jordão Netto:

De qualquer forma, torcer para o Corinthians surgiria como uma espécie de alternativa política não conscientizada, na medida em que fazendo parte da “massa” torcedora o indivíduo obteria alguma satisfação pela sensação de poder e força que essa “massa” proporcionaria, ao mesmo tempo que a constituição de torcedores identificados com o clube, mas independentes dele sob todos os aspectos, as chamadas “torcidas organizadas” (Gaviões da Fiel, Camisa 12, etc) representaria um dos raros exemplos de organização dos setores populares a partir de suas bases (NETTO, 2010).

Tem-se que, ao buscar alternativas para a negação dos direitos que ocorria na primeira metade do século XX, como os direitos negados pela condição econômica, ou pelo racismo, a classe trabalhadora, inconsciente ou conscientemente, tenta se organizar por meio dos referenciais culturais a qual ela está exposta. E por que isso formaria uma espécie de cultura política? Importante lembrar também que a cultura política é resultante da experiência histórica dos indivíduos, na qual estes vão assimilar seus elementos através de uma variedade de canais de socialização, como a escola, o trabalho, a igreja, a faculdade, o sindicato etc. Ou seja, cada indivíduo, mergulhado em seu clima cultural, irá interiorizar temas, modelos, normas, modos de raciocínio que vão torná-lo sensível à adoção e a

recepção de ideias e comportamentos convenientes com o problema que busca resolver na sociedade (BERSTEIN, 1998, p.357). Essa organização em torno de uma cultura política traz ao torcedor do Corinthians uma espécie de sensibilidade para as causas que lhe são pertinentes. Um claro exemplo disso é a o surgimento da primeira torcida organizada do Corinthians, os Gaviões da Fiel, fundada em 1969. Uma das primeiras torcidas organizadas do Brasil, os Gaviões nasceram num momento político do Corinthians que se parecia muito com o momento político do Brasil: desde 1961 o empresário Wahdi Helu se sentava na cadeira da presidência do Corinthians e os torcedores já descontentes pela seca de títulos (que não via o time ganhar desde 1954), passaram a atribuir os problemas do Corinthians ao mandatário alvinegro, colocando em Helu a alcunha de “ditador”. É nesse contexto que surgem os Gaviões da Fiel, tendo como principal objetivo a saída de Helu da presidência como diz a letra de um dos famosos cantos entoados nos estádios:

Contra todo ditador que no Timão quiser mandar

Os Gaviões nasceram pra poder reivindicar

*O direito da Fiel que paga ingresso sem parar*⁹

A cultura política presente na formação e manutenção da identidade do clube e da torcida podem nos ser úteis para analisar os impactos da Democracia Corinthiana no cerne das lutas contra a ditadura. Para isso, precisamos estabelecer as relações entre o futebol e a política no período ditatorial, seja como agente oficial do governo ou forma de resistência de jogadores e torcedores.

2. CAPÍTULO – O FUTEBOL COMO MEIO DE POPULARIZAÇÃO DE IDEIAS DEMOCRÁTICAS

No segundo capítulo dessa dissertação, buscarei lançar melhores luzes ao movimento Democracia Corinthiana, analisá-lo como um produto da modernização do futebol brasileiro e também da reabertura política que ocorria nos anos oitenta e de certa forma, definir o alcance desse movimento como possibilitador de popularização de ideais democráticos no período de abertura política. Faz-se necessário antes de introduzirmos o movimento

⁹ Contra todo ditador que no Timão quiser mandar! Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=4U_7NO8Mdkk

corinthiano, falar um pouco sobre o próprio clube de futebol onde o movimento ganhou vida, o Sport Club Corinthians Paulista (SCCP), um time de futebol conhecido por sua ligação com sua torcida proveniente dos mais variados lugares sociais. Outro ponto que merece atenção é o contexto em que o movimento está inserido, os anos finais do regime militar iniciado em 1964 ainda mostravam seus traços de autoritarismo e as classes mais baixas da população brasileira viam a crise econômica roer-lhes os ossos e, apesar de sofrer as consequências do autoritarismo e da crise econômica, não sofria calada: os inúmeros movimentos sociais atuantes durante toda a década de 1970 e nos primeiros anos da década de 1980 tratavam de mostrar a voz da classe trabalhadora.

A seguir analisarei como o futebol se ligava com o contexto ditatorial, qual era o papel reservado ao futebol? Também nessa esteira, como o futebol se relacionava com os movimentos de contestação a ditadura militar e por fim passarei a análise da Democracia Corinthiana levando em consideração suas potencialidades para “bater o pênalti” conforme Walter Casagrande metaforiza no documentário “Democracia em Preto e Branco” (2014), quando diz que os “movimentos sociais fizeram a jogada, cavaram o pênalti, faltava alguém para bater, a Democracia Corinthiana era esse alguém”.

2.1 O FUTEBOL DURANTE A DITADURA: ATAQUE E CONTRA-ATAQUE

Cabe aqui traçar um rápido panorama sobre a situação do futebol brasileiro durante a Ditadura Civil-Militar que ocorreu no país entre os anos de 1964 e 1985. Como já foi adiantado em algumas partes desse texto, o esporte mais popular do país teve um papel predominante na busca por corações e mentes durante o período. Os generais-ditadores viram logo que o esporte poderia ser um catalizador das paixões políticas (ANSART, 1986) em torno de seu governo. Enquanto os setores populares, jogadores, jornalistas e torcidas viam o futebol como uma ferramenta de questionamento do *status quo*. Traçarei aqui dois breves comentários sobre os usos do futebol durante a ditadura, primeiramente irei abordar o regime militar e o futebol como arma política.

Pièrre Ansart, em seu trabalho, “A gestão das paixões políticas”, diz que o poder político tem

técnicas governamentais para captar sentimentos de união em seu benefício e mobilizar sentimentos de hostilidades contra inimigos ou concorrentes, para provocar sentimentos de pertença e de exclusão, despertar sentimentos de esperança e de temor (...) (ANSART, p.59, 1986)

Uma dessas técnicas utilizadas pelo regime militar foi a exaltação do nacionalismo, do ufanismo, dos valores culturais que eram referenciados pelo poder através do futebol, materializado na Seleção Brasileira. Nessa sessão, procurei trabalhar o futebol como uma dessas técnicas citadas por Ansart utilizadas com o objetivo de captar os sentimentos da população. Tomarei a liberdade também de não me ater apenas ao poder político institucionalizado, mas também ao poder político advindo das classes populares na forma dos movimentos sociais, dos trabalhadores e artistas.

Durante a Ditadura cívico-militar brasileira, os generais e os setores conservadores da sociedade buscaram captar os afetos em torno de si e de seu projeto. Além do braço censor e repressor, a ditadura também se utilizou da arte e do esporte para legitimar seus discursos e conseguir apoio popular para dar sequência ao projeto autoritário, calcado no liberalismo econômico, na submissão dos interesses nacionais à política estadunidense e no macarthismo, ou anticomunismo. No que diz respeito ao esporte, houve uma grande aproximação entre a política ditatorial e os clubes de futebol, a seleção brasileira e consequentemente a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Para exemplificar essa aproximação, falarei agora sobre alguns casos: a preparação da seleção para a Copa do Mundo de 1966, a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970 e o Campeonato Brasileiro de 1979.

Logo após o golpe militar de 64, os generais perceberam o potencial persuasivo e afetivo que o futebol exercia nas massas brasileira. Em 1966 a Seleção Brasileira excursionou pelo Brasil com quatro times, a preparação foi dividida em 4 times que passariam por diversas partes do país: o verde, o amarelo, o azul e o branco. (CASTRO, 2012) Essas excursões serviam para cultivar sentimentos ufanistas e nacionalistas na população,

A exposição da seleção dentro e fora do Brasil também era interessante para passar a imagem de normalidade política e para desviar o foco das oposições que se fortaleciam cada vez mais, sobretudo com a dissolução dos partidos políticos e com a implementação do bipartidarismo em fevereiro, que resultou na criação da Aliança Renovadora Nacional (Arena) e do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). (FRANCO JR, p140, 2007)

Essa relativa bagunça engendrada pelos militares na preparação para a Copa de 66, onde a convocação se transformou numa “tradicional política de apadrinhamento dos jogadores, com 47 pré-convocados de 15 clubes diferentes” (FRANCO JR, p.45, 2017) e feita claramente para agradar a maioria de equipes possíveis, visando chegar ao torcedor, resultou num fracasso colossal onde o selecionado não passou da fase de grupos do torneio.

Esse fato mexeu com o ego dos militares e alterou os fatos que viriam a seguir. A

imprensa passou a culpabilizar a falta de preparo físico dos atletas pelo fracasso no mundial. A solução encontrada? Militarizar a Seleção Brasileira. Essa seria a toada a partir de 1966 culminando com uma seleção totalmente militarizada em 1970, onde até mesmo um ex-treinador viria ser impedido de cobrir os jogos no México, pois não conseguiu as credenciais necessárias junto ao governo.

Desde o cancelamento do amistoso entre Brasil e União Soviética, que tinha sido marcado por João Goulart, no qual vemos nitidamente um início de interferência dos generais na Confederação Brasileira de Desportos (CBD) até a efetiva força tarefa montada pelo regime para a Copa de 70, podemos destacar vários pontos em que o futebol, manifestado em clubes, jogadores e instituições, esteve de braços dados com os militares. Emílio Garrastazu Médici, por exemplo, um torcedor fanático de Grêmio e Flamengo, participou da escolha do selecionado que disputaria a Copa do Mundo, a demissão de João Saldanha às vésperas do mundial levanta suspeitas, ora, o treinador tinha ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) era firme em suas posições, não mostrava arrego e recusava-se a ser domado aos moldes dos ditadores. Segundo Guterman (2009), permitir que um treinador com ligações com a esquerda voltasse do México com a taça Jules Rimet nos braços seria um desastre político para os militares bem como para João Havelange, que já tinha planos para conseguir o comando da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) Além disso, vários jogadores foram monitorados durante o regime militar. O documentário produzido pelo historiador Lúcio de Castro (2012) intitulado “Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do condor” traz o depoimento de Afonsinho, meia-direita que passou pelos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro, e que em sua fala, diz acreditar que sua não convocação para a Copa de 70 se deu pelos mesmos motivos da demissão de Saldanha: a ligação que tinha com a esquerda.

Por outro lado, a gestão dos afetos políticos também é uma prática importante aos grupos que não fazem parte do poder político institucionalizado, e a parte que aqui nos cabe análise é a que diz respeito aos personagens que estão envolvidos no mundo futebolístico: atletas, clubes, torcidas, organizações e meios de comunicação ligados ao esporte. A gestão desses afetos muitas vezes é feita de forma inconsciente por parte desses grupos, que tem suas ações e intenções reverberadas na sociedade através dos meios de comunicação, da vivência individual que segundo Berstein coloca cada indivíduo em contato com as aspirações coletivas de outrem, e que coletivizando as individualidades, se articulam para modificar, ou não, determinada situação.

Incluído nessas aspirações estão as emoções, mitos e fantasias individuais e coletivas, se encontra o movimento aqui estudado: a Democracia Corinthiana, um movimento de trabalhadores do futebol surgido no interior do Corinthians, clube paulista fundado em 1910. A Democracia Corinthiana se estabelece no clube na década de 1980, um período no qual o Brasil rumava para a abertura política e que o próprio Corinthians também parecia rumar para sua abertura. Acontece que em 1981, o então presidente Vicente Mateus estava impedido de concorrer às eleições do clube. Vicente, que ocupara a cadeira da presidência durante dez anos, encontrou uma brecha no regulamento que o permitiu concorrer à vice-presidência, colocando como cabeça de chapa Waldemar Pires. O objetivo de Vicente era continuar dando as cartas mesmo como vice-presidente, pois julgava que poderia manipular Waldemar e continuar tomando as decisões como presidente. No entanto, ele tinha julgado mal e o presidente eleito, Waldemar Pires, começou tomar a frente da presidência do clube e deixar Vicente Mateus de lado logo no início do mandato, quando contratou o sociólogo Adilson Monteiro Alves para a direção de futebol, sendo que este contratou o treinador Mario Travagnini, que tinha métodos um pouco diferentes da maioria dos treinadores mais rígidos encontrados no futebol brasileiro à época, e que, segundo o próprio nunca havia adotado a chamada ‘linha dura’ e gostava de discutir com os jogadores o melhor esquema a ser adotado. (FLORENZANO, 2020, p.206)

Essa combinação, um clube que depois de dez anos trocava de presidente, (também considerado um ditador pelos torcedores que inclusive realizaram seu enterro simbólico no estádio), a contratação de Adilson Monteiro Alves e de Mário Travagnini, juntamente com a presença de jogadores como Sócrates, Wladimir e Casagrande, culminou em um novo modelo de gestão no clube. Os jogadores passaram a participar de todas as decisões, respaldados por seu diretor, faziam reuniões frequentemente, discutiam escalação, contratações, viagens, segundo Sócrates, “Tudo era discutido. Nós nos reuníamos no vestiário ou no campo e decidimos. A partir de então, nós começamos a exercer isso semanalmente. Falávamos sobre uma série de coisas, inclusive horários de treino. Discutir e votar era quase um vício” (MARTINS, 2014, p.14). Ainda de acordo com Reis e Martins, buscando por direitos e uma maior participação nas decisões estavam

Engajados nesse movimento de participação democrática, reivindicação, organização coletiva e conquista de direitos, os jogadores corintianos pluralizaram os sentidos e significados de democracia dentro do futebol, abarcando a prática no campo, mas também as discussões, as decisões, a participação política e a gerência de sua própria vida, em uma clara demonstrações de contestação ao paternalismo reinante nas relações sociais de trabalho do futebol. (REIS E MARTINS, 2020, p.681-682)

Como movimento, a Democracia Corinthiana não era revolucionária, estava limitada à estrutura do Corinthians, uma empresa como qualquer outra, porém o movimento passou a ocupar espaços na imprensa e nos estádios, atrelando-se aos anseios populares pela abertura política e também a movimentos como o das Diretas Já, surgido em 1983. Aos poucos a Democracia Corinthiana começava a incomodar o poder que, através de sua influência na imprensa, passava a atacar as práticas de autonomia dos corinthianos. Segundo José Paulo Florenzano:

no período revolucionário dos anos 78 a 84, temos dois movimentos concomitantes que, em grande parte coincidiam, entrelaçavam-se e influenciavam-se mutuamente, deixando apreensivas as forças da reação que, em contrapartida, procuravam-lhe deter o avanço. Enquanto na esfera esportiva, os editoriais da grande imprensa denunciavam a incompatibilidade entre a prática do futebol e a ideia da autogestão, na esfera religiosa, o comando do Exército invocava os mitos fundadores contra as comunidades eclesiais de base, advertindo-as de que “a espada e a cruz tem caminhado juntas neste País, desde que as caravelas portuguesas aqui aportaram” (FLORENZANO, 2021, p.53)

Notadamente contrariando a visão de que o futebol funcionaria apenas como um reprodutor da ordem política vigente, um pacificador das massas, deixando-as inertes e inofensivas, o microcosmo criado pela Democracia Corinthiana nos mostra que esse esporte, como outros, consegue servir como meio de protesto e reivindicação das classes trabalhadoras. Mesmo sem a intenção de ser um movimento revolucionário no sentido marxista da palavra, a Democracia Corinthiana pode catalisar a potencialidade que o futebol oferecia para alcançar os setores mais distantes do poder, canalizando os afetos para um projeto de sociedade que há alguns anos havia surgido, calçado na retomada das liberdades individuais perdidas em 1964 e que tinha como principal bandeira o retorno à democracia por meio das eleições diretas.

2.2 A DEMOCRACIA CORINTHIANA: ESCALAÇÃO

A partir daqui traçarei um breve histórico dos principais participantes do movimento alvinegro. Seguindo o panorama teórico que embasa esse trabalho, a cultura política nos diz que as individualidades têm que ser consideradas ao analisarmos um movimento político como é o da Democracia Corinthiana. Não podemos menosprezar essas individualidades, pois, segundo Berstein, é partir da leitura que os indivíduos fazem do passado, de como eles se relacionam com seu referencial cultural, que as culturas políticas surgem e se estabelecem. Através da análise dos personagens mais populares do movimento podemos exemplificar e

identificar alguns pontos chaves da relação que Berstein estabelece quando diz que a cultura política é um aspecto onde indivíduos interiorizam ideias e comportamentos que são vividos coletivamente e utilizam esses comportamentos para modificar a realidade política em que vivem. Segundo o historiador brasileiro Rodrigo Patto Sá Motta a cultura política expressa um

conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhadas por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro. (MOTTA, 2009, p.21)

Por tal motivo, resolvi explicar abaixo um pouco da trajetória dos membros da Democracia: falarei sobre Wladimir, Sócrates, Casagrande, e posteriormente sobre Adilson Monteiro Alves, que foram, segundo seus contemporâneos, bem como os estudiosos do movimento, os principais expoentes daquele.

Wladimir Rodrigues dos Santos atuava no Corinthians desde 1972, dez anos antes do movimento aqui analisado se iniciar. É interessante notar que, apesar do líder natural da Democracia sempre ser lembrado na figura de Sócrates, Wladimir era o mais “politizado” no meio de seus companheiros. Importante lembrar também que a cultura política é resultante da experiência histórica dos indivíduos, onde estes vão assimilar seus elementos através de uma variedade de canais de socialização, como a escola, o trabalho, a igreja, a faculdade, o sindicato etc. Ou seja, cada indivíduo, mergulhado em seu clima cultural, irá interiorizar temas, modelos, normas, modos de raciocínio que vão torná-lo sensível à adoção e a recepção de ideias e comportamentos convenientes com o problema que buscam resolver na sociedade (BERSTEIN, 1998, p.357). Nesse contexto, Wladimir, atleta negro, estudante de Iorubá, formado pela Escola de Aplicação, escola de ensino básico vinculada à Universidade de São Paulo, filho de um mestre de obras e de uma empregada doméstica, não ganhava muito dinheiro com o futebol. Assumira diversas vezes o papel de liderança ao defender jogadores afastados por um técnico casca grossa (Oswaldo Brandão, técnico do Corinthians entre 1971 e 1975). Tentara também convencer vários atletas do Corinthians a se filiarem ao Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo, do qual era presidente. Também era filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), como mostra a reportagem da Folha de São Paulo de 28/08/82:

Em novo lance político de craques do futebol profissional paulista, o Partido dos Trabalhadores recebeu a filiação de quatro astros do Corinthians, um do Santos e outro do 15 de Jaú. Ingressaram no PT os corintianos Casagrande, Wladimir, também presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais, Ataliba e Wagner; o santista Pita e Estevão do 15 de Jaú. (CRAQUES,1982)

Frequentava encontros culturais e políticos promovidos por dissidentes do Cursinho do Grêmio da Filosofia da USP, foco de resistência ao regime militar e que lutava assiduamente pela redemocratização. (CARDOSO, 2014, p.65-67).

Por esses aspectos elencados acima, podemos dizer que Wladimir foi o mentor intelectual da Democracia Corinthiana. Desde 1981 Wladimir já era um dos líderes do elenco no que diz respeito às discussões sobre desempenho e normas disciplinares impostas aos jogadores (FLORENZANO, 2020, p.202). Ainda segundo Florenzano, seria difícil imaginar o despertar político de Sócrates sem o papel desempenhado por Wladimir, que cobrava o colega por uma maior participação nas lutas pela categoria. Wladimir era uma figura tão mítica no Corinthians que na intenção de provocar o então presidente corinthiano, Vicente Matheus, a renovar o contrato do lateral, os Gaviões da Fiel realizaram uma arrecadação entre os sócios e mandaram o dinheiro necessário para o presidente, que, envergonhado, recusou, mas fechou a renovação do jogador (FLORENZANO, 2020, p.219).

Como já adiantado, o jogador camisa 8 e principal líder do movimento corinthiano, Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, popularmente conhecido apenas pelo seu primeiro nome, uma homenagem que seu pai decidiu fazer ao filósofo grego, Sócrates era cobrado pelo companheiro de profissão Wladimir para que se interessasse mais sobre as mobilizações da categoria, as quais Sócrates não dava muita atenção em seu início de carreira. Para falar de Sócrates também se faz necessário descortinar a imagem ideal que foi construída em cima de seu personagem. O processo de tornar-se líder do movimento e do elenco corinthiano foi modelador e criador de seu pensamento sobre as funções do esporte e do corpo.

Quando chega ao Corinthians em 1978, o camisa 8 renega a mística alvinegra, a ideia de raça, de jogar com a alma e com o coração. Segundo Florenzano:

Sócrates era uma nota dissonante dentro de uma equipe cuja atuação traduzia o modo de vida, os valores e as visões de mundo dos trabalhadores manuais masculinos presentes nas gerais e nas arquibancadas, na medida em que lhes cristalizava as aspirações e os significados e imprimia no corpo as marcas de uma luta comum, refletindo-as na dinâmica de jogo desenvolvido em campo aberto, elaborando-os sem cessar ao longo de uma história com a qual eles se identificavam e da qual participavam não como simples coadjuvantes, mas como protagonistas. Nesse sentido, para os setores das gerais e das arquibancadas, a metamorfose no guerreiro constituía-se no ritual de passagem obrigatório para qualquer profissional se tornar efetivamente reconhecido e aceito pela comunidade imaginada do alvinegro [...] (FLORENZANO, 2020, p.193)

Para Sócrates isso não passava de uma perda de tempo (FLORENZANO, 2020, p.183). Porém, entre 1978 e 1981 o jogador viveu no Corinthians uma transformação em sua conduta como jogador. Via que a sua frieza em relação a torcida apenas trazia-lhe desafetos e problemas os quais impediam de desenvolver seu futebol arte, como tanto queria. Portanto, nesses quatro anos Sócrates moldou o futebol do time corinthiano, mas teve que ser moldado pela torcida e assumir o papel do guerreiro em campo.

Essa mudança de personalidade, de um jogador frio e interessado apenas em jogar futebol para um jogador guerreiro, que vestia o manto delegado a ele pela torcida, para um jogador político, ou ainda para um jogador-operário, veio desde o contato com companheiros de time, como Wladimir, do constante contato com a torcida alvinegra e também da mídia que mostrava e salientava a transformação de Sócrates nesse novo jogador. A Revista Placar foi uma grande responsável por mudar a imagem do camisa 8. Pode-se ilustrar isso através do trecho a seguir:

Aquele Doutor desconfiado que não comemorava seus gols, que desafiava a torcida, aquele Doutor morreu. Nasceu, em seu lugar, o ídolo popular que se comove com as crianças e que vibra com as vitórias de seu Timão. É o Sócrates Corinthiano, Doutor da Fiel Torcida.¹⁰

Temos então que, a partir do ano de 1980, nasce um jogador-operário que em terreno fértil teria a possibilidade de chacoalhar o mundo do futebol brasileiro com suas práticas de liberdade (Florenzano, 2020).

Walter Casagrande Jr., centroavante, teve sua carreira futebolística iniciada nas categorias de base do Corinthians, e ao completar 18 anos foi promovido ao time profissional, em 1980. Tido como rebelde, baderneiro e uma típica expressão do jogador-problema, Casagrande, logo ao chegar no time profissional do Corinthians se envolveu numa confusão que quase custou-lhe a carreira: uma tentativa de agressão ao então técnico Oswaldo Brandão por ter cortado o jogador pouco antes de uma partida. Por isso foi emprestado à Caldense, time de Poços de Caldas, Minas Gerais. Após boa passagem no futebol mineiro, em 1982 retorna ao Corinthians e se torna participante ativo do movimento aqui estudado, sendo um dos líderes, ao lado de Wladimir e Sócrates.

É necessário abordar a rebeldia de Casagrande, uma rebeldia típica dos anos oitenta. Filiado ao PT, frequentador de reuniões e sindicatos, buscava ao lado do operariado paulista

¹⁰ “Dr. Sócrates Brasileiro/Corinthiano Sampaio de Souza Vieira de Oliveira” Revista Placar nº545, 10 de outubro de 1980.” Trecho extraído do livro de José Paulo Florenzano, “Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol Brasileiro, de 2020.

uma forma de aprender com eles e trazer as ideias de luta por melhores condições, da fábrica para os gramados. O centroavante parecia também funcionar como um porta-voz da Democracia Corinthiana, exortando os colegas a participarem, falando em suas entrevistas em que reafirmava que era sim rebelde, se isso significava lutar por seus direitos, criando laços com outras categorias,

como por exemplo, os desempregados que, em setembro de 1983, como forma de protesto contra a crise econômica que se alastrava pelo país, tomaram a iniciativa de acampar no gramado do Parque do Ibirapuera, defronte a Assembleia Legislativa, colocando em foco o grave problema social. Dentre as manifestações de solidariedade de que lhes chegavam, constava a da Democracia Corinthiana. Com efeito, na terça-feira, 6 de setembro pouco antes do almoço improvisado nas barracas instaladas na paisagem de um dos principais cartões postais da metrópole paulistana, ela comparecia para doar aos acampados uma quantia em dinheiro arrecadada entre os atletas alvinegros. Casagrande, que estava ali para representá-los, transmitia o recado às autoridades: “nós vamos apoiá-los até quando eles permanecerem aqui”. (FLORENZANO, 2020, p.294).

Era essa a força que tinha o jovem Casagrande, um rebelde, “subversivo”, talvez por posicionamentos como o que dera na entrevista à folha do dia 15/11/82. Quando perguntado sobre a violência policial em São Paulo, Casagrande respondeu:

Tem um pessoal que é o seguinte: botam uma farda no corpo e pensam que mandam em todo mundo. Não chegam para conversar, mas já chegam para agredir. Outro dia eu estava vindo de Santo André para casa quando um carro da polícia me parou na Marginal. Eles queriam de todo jeito arrumar uma coisa para me “sujar”. E ainda falavam: “Você é o Casagrande, um cara famoso. Gente assim eu gosto de pegar, gosto de pegar cara famoso para ganhar uma grana em cima.” Vou fazer o que? Procuraram, reviraram e falavam que ninguém ia sair enquanto não achassem alguma coisa” (A CIDADE, 1982, p.20)

Era um jogador que aos 19 anos denunciava a violência policial, se aliava a desempregados e operários, fazia parte de partidos de esquerda e lutava por direitos em plena ditadura militar.

A análise dos principais personagens e líderes da Democracia Corinthiana só reforça o papel que as subjetividades e individualidades tem para o desenvolvimento de uma cultura política. As trocas que cada indivíduo manteve com seus pares, contribuiu para a formação política de cada um e fez com que passassem a agir coletivamente em prol de um objetivo em comum: a valorização de ideais democráticos.

2.3 A DEMOCRACIA CORINTHIANA E A IMPRENSA

Nos anos em que ficou em vigor o movimento corinthiano, entre 1982 e 1984, muito se explorou o tema na mídia paulista e nacional. Jornais como a Folha de São Paulo, que buscava uma reestruturação após apoiar a ditadura militar, e a Revista Placar, foram

importantes veiculadores das expressões da Democracia Corinthiana. Segundo Maria Helena Capelato (1988), a imprensa oferece muitas maneiras para o historiador estudar a História Política e Social em suas páginas, seja utilizando a linguística para decifrar a ideologia por trás das páginas, ou fazendo uma análise do projeto político do jornal ou da revista. De acordo com a historiadora:

Os pesquisadores que se dedicam às análises político-ideológicas privilegiam os editoriais e artigos que constituem, por excelência, a parte opinativa do jornal. [...] Os jornais oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana. Os costumes e práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia-a-dia estão registrados em suas páginas. Neste tipo de abordagem o pesquisador pode recorrer às colunas sociais, aos “faits divers”, às ilustrações, às caricaturas e às diferentes seções de entretenimento. O noticiário tem grande importância para as investigações históricas. É utilizado nas análises econômicas, nos estudos sobre as condições de vida, relações e lutas sociais etc. (CAPELATO, 1988, p. 34)

A Revista Placar, que tinha como editor-chefe o jornalista Juca Kfourri, foi uma grande entusiasta do projeto alvinegro. Na década de 1970, questões com tons políticos já faziam parte do editorial da Placar. Porém, é a partir de 1979, quando temas como abertura política, democracia, liberdade, eleições e anistia passaram a fazer parte do cotidiano brasileiro cada vez mais, que a revista passou a dar ênfase a questões políticas e sociais. Tirinhas como a da figura abaixo mostram temas tais como “abertura” e “troca de ideia” eram tratadas:



Figura 1: tirinha extraída da Revista Placar, 25 de maio de 1979, p. 55.

A Placar também via no movimento corinthiano a possibilidade de fundir a mentalidade do futebol moderno juntamente com a gestão empresarial: o futebol-empresa, uma nova forma de gerir o esporte que abandonava o paternalismo dos cartolas tradicionais, trazendo os preceitos da administração de empresas para o campo futebolístico. Segundo Max Nigro:

Na perspectiva placariana, o time do Parque São Jorge era o veículo ideal para garantir a consolidação da nova hegemonia a respeito do futebol brasileiro, pois ele representava a emoção e o vínculo popular enquanto consenso prévio e ainda

oferecia um vasto leque de novas possíveis construções simbólicas devido à recente instauração da racionalidade empresarial. Se em primeiro lugar, a superação da obsolescência dos antigos dirigentes restaurava o clima festivo do esporte e reconciliava-o com o samba – outro patrimônio popular, os novos preceitos administrativos implantados no clube também eram capazes de revalidar a leitura do semanário de que a derrota da seleção brasileira na Copa de 1982 havia sido um acidente de percurso que não deveria abalar a luta incessante pelo retorno do futebol-arte e a simultânea modernização do esporte em questão. (NIGRO, 2013, p.150)

Para exemplificar, o Corinthians havia recém-saído de um período de dez anos sendo comandado pelo empresário hispano-brasileiro, Vicente Matheus, uma das grandes expressões do paternalismo no futebol.

Desde a cobertura da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1982, na Espanha, a Placar já passava a avaliar o futebol como um esporte digno de se tornar símbolo da democracia no Brasil. Fazia isso, mostrando as relações entre futebol, liberdade e mobilizações populares numa Espanha recém-saída da ditadura franquista. O texto de Alberto Dinis, publicado pela revista ilustra isso:

Curiosamente - por um destes paradoxos que os cientistas políticos melhor poderiam explicar - a nossa Seleção tem dado aulas de democracia. O futebol-alegria que apresentamos, o virtuosismo pessoal harmonizado por táticas extremamente simples e inteligentes é, na realidade, uma escola liberal e liberada, conjunção de indivíduos e coletivo, físico e cérebro. Pé e calcanhar. [...] O que nos leva a concluir, considerando o poder de comunicação do esporte, que se na França a monarquia absolutista caiu por causa dos brioques, no Brasil, duzentos anos depois, o símbolo da democracia ainda poderá ser a bola malhada correndo livre no campo verde. (PLACAR, 1982, p. 4-5).

Outro veículo da imprensa que cobriu com ênfase os acontecimentos relacionados à Democracia Corinthiana foi a Folha de São Paulo, mesmo menos contundente que a Revista Placar, que tomou o Corinthians como um exemplo da modernização do futebol, o jornal paulista trouxe um pouco mais de parcimônia ao noticiar os eventos. A Folha, como é conhecido o jornal, teve um grande papel durante o Regime Militar iniciado em 1964 sendo notadamente um veículo de imprensa sustentação desse, como podemos observar na matéria de junho de 1972 intitulada de “Presos políticos?” (1972) onde nega a existência de pessoas presas por suas posições políticas durante a Ditadura. Apesar desse viés apoiador que a Folha dava aos militares, temos que levar em conta o fato de que, nos anos finais da ditadura a postura do jornal mudou e a Folha passou a se portar como oposição ao regime, numa tentativa de limpar sua imagem, e não apenas por isso. Segundo Pingallo apud Dias e Farina:

O novo cenário político não foi o único fator que empurrou a Folha para uma posição mais independente. A essa altura, a empresa desfrutava de uma situação financeira confortável; havia realizado investimentos e saldado dívidas. Além disso,

o jornal estava modernizado em termos tecnológicos e comerciais. O passo seguinte, na visão de Frias, seria fazer da Folha uma publicação influente. (PILAGALLO apud DIAS e FARINA, 2016, p.7)

Dando mais visibilidade a movimentos como as Diretas Já e a Democracia Corinthiana, em matéria intitulada “Democracia em Campo” de abril de 1983, a Folha trata de mostrar a importância do movimento corinthiano, dizendo que este indica que a “idéia democrática extravasa o círculo das elites políticas e começa a cativar a imaginação de amplas camadas da sociedade” (DEMOCRACIA, 1983, p.2).

Suas matérias, no entanto, nos possibilitam compreender um pouco mais sobre os pensamentos dos líderes do movimento, sobre as contradições internas que ele enfrentava e também sobre as ações do movimento que o ligavam com o campo social, como, por exemplo, numa matéria de 06 de dezembro de 1982, a Folha mostra o empenho do jogador Casagrande, que estava em busca de escolas para adquirirem uma recém-lançada Enciclopédia do Futebol.

Outros aspectos interessantes mostrados pela cobertura da Folha de São Paulo no período do movimento alvinegro são as divergências políticas entre os jogadores. Em setembro de 1982, numa matéria intitulada “A política invade o Parque São Jorge” são mostrados os posicionamentos de alguns jogadores em relação às eleições municipais daquele ano. O lateral direito, Zé Maria, lançava sua candidatura a vereador. Wladimir, Casagrande, Sérgio e Ataliba se filiavam ao PT. Sócrates declarava um modesto apoio ao peemedebista Mario Covas. Surgia então uma gama de divergências políticas no interior do movimento, o que não precisa preocupar os dirigentes do clube, pois como Sócrates salientava quando perguntado se a atividade política poderia dividir o grupo

Essa atividade deve mesmo fortalecer internamente nosso time, trazendo para o clube um debate que, como em qualquer outra atividade, deve ser realizado também no ambiente de trabalho. Se nós vivemos esse momento de abertura, em que discussões políticas são levadas para dentro das casas pelo rádio, tevê e jornais, o que não ocorria há dezoito anos, todos sem exceção tem o direito de participar. Se há divergência, é porque elas fazem parte do processo, são, aliás a sua alma, refletem um espírito democrático. (A POLÍTICA, 19/09/82, p.32)

As reportagens mostram que a política e a vida social do país permeavam as redondezas do Parque São Jorge (PSJ), seja através de apoio a manifestações, lançamento de candidaturas, apoio a partidos políticos e discussões sobre eleições. Esse era o ambiente em que se tornou fecundo o movimento da Democracia Corinthiana. Sobre a gênese do movimento, Florenzano elenca o evento fundador foi marcado por um diálogo aonde “o

encontro entre Adilson Monteiro e o elenco, marcado pelas seis horas de conversação às vésperas da partida contra o Guarani em novembro de 1981” numa “iniciativa histórica de partilhar a gestão de futebol com os atletas” (FLORENZANO, 2020, p.208). E sobre Adilson Monteiro Alves, o jovem diretor de futebol, é importante frisar que foi um personagem essencial na formação do movimento dos atletas. Contratado para fazer parte da renovação política pela qual passava o Corinthians, como já abordado no capítulo anterior, aonde a eleição de Waldemar Pires marca a saída do cartola Vicente Matheus, o sociólogo Adilson Monteiro seguia uma linha de pensamento que ia de encontro com o momento de redemocratização da sociedade brasileira. Exortava os jogadores a questionarem a realidade que lhes parecia relegar um papel de coadjuvante no processo de pensar o futebol brasileiro. “Futebol se joga e se dirige com a cabeça” frisava Adilson Monteiro e avalizava as responsabilidades sociais dos atletas mostradas no parágrafo anterior:

Ouçoo todos eles, como atletas e também como cidadãos. Se alguém requisitá-los para falar a respeito de alguma coisa, devem falar. Ou você duvida que uma frase do Sócrates seja mais ouvida que um discurso do presidente Figueiredo? Sócrates é um ídolo! No seu caso, especificamente, ele tem deveres junto a torcida, tem responsabilidades sociais. O Vladimir, por exemplo, vai se filiar ao PT, o Casagrande diz que também vai, o Sócrates se declarou eleitor do PMDB. São compromissos sociais – e o Corinthians é uma parte da sociedade. (PLACAR, 03/09/82, p.41)

Poderíamos dizer que Adilson Monteiro Alves foi um catalizador das aspirações políticas e sociais e esportivas dos atletas, num momento em que jogadores de vários clubes retomavam uma consciência de que não eram apenas uma massa física disponível indiscriminadamente aos interesses dos clubes. A partir do final de 1981 e do início de 1982 o movimento da Democracia Corinthiana passa a ser ativo no esporte nacional. Junto com esse nascimento iniciam-se as expressões, sejam em posicionamentos, apoios e ações e ainda, divergências e contradições.

2.4 AS EXPRESSÕES DA DEMOCRACIA CORINTHIANA

Durante seu período de existência a Democracia Corinthiana produziu e reproduziu inúmeras formas de expressão política, comercial e artística. Sobre essas expressões, muitas vezes levadas a cabo pelos líderes Sócrates, Wladimir e Casagrande é que iremos falar agora. Primeiramente, acerca do nome do movimento “Democracia Corinthiana” sabemos que foi uma ideia do profissional de marketing contratado pelo Corinthians em 1982, Washington Olivetto, numa conversa com Juca Kfourri na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Nessa conversa Juca disse palavras parecidas com essas:

[...] se os jogadores continuarem a participar das decisões no clube, se os dirigentes não atrapalharem e se a imprensa esclarecida apoiar, veremos que aqui se vive uma democracia, uma democracia corinthiana. (SÓCRATES E GOZZI apud FLORENZANO, 2020, p.279)

O emprego do termo aparece pela primeira vez na Folha de São Paulo apenas em fevereiro de 1983 em seu caderno de esportes onde discute uma derrota da equipe Corinthiana para o Tiradentes de Minas Gerais pela Taça de Prata do Campeonato Brasileiro (A DEMOCRACIA, 1983)¹¹. Os termos mais usados pela imprensa ao se referir ao movimento também envolviam “o campeão democrático”, “time da democracia”, “revolução corinthiana” e “abertura corinthiana” (FLORENZANO, 2020, p.281). Ainda sobre a formulação do termo, Florenzano nos mostra que

A Democracia Corinthiana contemplava as duas coisas, tanto o advento de um acontecimento inédito quanto a ressignificação de uma velha palavra, e representava na esfera esportiva a luta pela liberdade pública que se desenvolvia em uma gama bastante ampla de cenários, engajando os mais diversos atores, seguindo os enredos mais inesperados e surpreendentes, como por exemplo, o das Comunidades Eclesiais de Base, lugar, em que, segundo o teólogo Leonardo Boff, ensaiava-se a “prática democrática real e fundamental” caracterizada pela livre circulação da palavra. Pela discussão conjunta dos problemas e a busca comum das soluções. (FLORENZANO, 2020, p.282)

Essa ligação com as CEBs pode muito bem caracterizar o movimento alvinegro e colocá-lo também talvez não como um movimento social propriamente dito, mas como um movimento de suporte à esses, como ilustrado acima no momento em que os integrantes da Democracia Corinthiana declaram apoio político e financeiro a uma manifestação de desempregados na Assembleia Legislativa de São Paulo.

Uma das principais expressões da Democracia Corinthiana foi também o uso que fez da camisa do Corinthians. Num período em que os times ainda não tinham transformado os uniformes em outdoors para patrocinadores, o publicitário Washington Olivetto juntamente com o diretor de futebol Adilson Monteiro e os jogadores passaram a discutir a inserção do nome do movimento nos uniformes (Figura 2). Era o início do uso do fardamento para mensagens políticas, mas a principal intenção não era essa, o objetivo era dessacralizar o manto alvinegro para a entrada de patrocínios na camisa, uma ideia do departamento de marketing. Porém, essa iniciativa rendeu várias mensagens políticas que passaram a ser veiculadas nos estádios onde milhares de torcedores compareciam, nos jornais e nos aparelhos

¹¹ A democracia corinthiana já discutiu suas falhas, Folha de São Paulo, edição de 03 de fevereiro de 1983.

de televisão pelo Brasil.



Figura 2 – Sócrates comemora o título paulista de 1983, o logotipo do movimento criado por Washinton Olivetto figurava nas camisas do time.

Meses antes da conquista do título paulista de 1982, o Brasil teve suas primeiras eleições para governador, senadores e deputados em 17 anos. Marcadas para 15 de novembro, aconteceriam de forma não obrigatória aos cidadãos. O Corinthians da Democracia Corinthiana decidiu então que nas cinco partidas anteriores ao pleito, entraria em campo com uma mensagem nas costas da camisa: “Dia 15, vote” (Figura 3). A mensagem talvez não tenha tido impacto massivo na opinião dos eleitores sobre o comparecimento às urnas, mas serviu para mostrar que o futebol não era mais terreno fecundo do poder estabelecido e sim um terreno de disputas.



(Figura 3 – Mensagens políticas eram veiculadas na camisa do Corinthians durante a Democracia Corinthiana)

Dado a conjuntura do país, 17 anos de um governo militar autoritário, que não conseguia sanar todos os problemas a que se propunha, como a crise econômica que se abatia sobre o país no início dos anos oitenta, a população passou a trazer a democracia para o debate, independente do sentido, como formulam Martins e Reis:

Os anos de ditadura militar no Brasil fizeram com que surgisse uma expectativa unívoca com relação à democracia. A reivindicação por esta, contida na agenda da campanha das “Diretas Já”, confluiu num sentido pretensamente universal, homogeneizando os distintos significados contidos nas aspirações democráticas dos movimentos populares, sindicais e partidários. (MARTINS; REIS, 2014, p. 85).

E inserida nessas discussões estavam os jogadores-operários, os jogadores cidadãos da Democracia Corinthiana, novamente levando faixas com alusão ao processo democrático para o campo de jogo, como mostra a Figura 4:



Figura 4: jogadores do Corinthians desfilam segurando faixa com os dizeres: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”, no segundo jogo da final do Paulista de 83.

2.5 AS RESISTÊNCIAS AO MOVIMENTO

Um movimento nesse meio, nesse formato e defendendo as pautas que defendia, como o desenvolvimento de práticas de liberdade no seio do futebol brasileiro, um meio conhecido pelo seu tradicionalismo e conservadorismo (Vicente Matheus era um grande exemplo disso) e também por defender o direito democrático do voto para a população em pleno governo autoritário dos militares com certeza geraria resistências. Podemos dividir essa resistência em interna e externa. A resistência interna diz respeito principalmente aos cartolas que participavam do dia a dia do Corinthians e de alguns jogadores, como o goleiro Emerson Leão que viria a ser o pivô de fortes discussões acerca do movimento. Já a resistência externa parte de alguns setores como a imprensa e grupos políticos que viam a Democracia Corinthiana como uma ameaça a ordem vigente.

Um dos episódios que torna ilustrada a resistência ao movimento corinthiano é a prisão ao jogador Walter Casagrande, já mencionada acima. Casagrande era muitas vezes associado aos ideais da contracultura e por isso frequentemente tinha sua vida acompanhada de perto pelas forças de repressão policial da ditadura “cada vez mais incomodadas com a visibilidade adquirida pela experiência democrática no Corinthians” (FLORENZANO, 2020, p.329). Para Sócrates, já era algo que preocupava a ele e ao clube, como o próprio diz em entrevista dada à Folha um dia depois do ocorrido onde segundo ele o episódio “não passa de ‘coisa preparada’, revelando ainda que “o Corinthians há cerca de 40 dias tinha sido alertado nesse sentido” (CASAGRANDE, 1982, p.34). De acordo com Florenzano:

O episódio do cárcere, inegavelmente ajudara a sedimentar no imaginário do futebol a representação negativa infundida pelos oponentes da Democracia Corinthiana. Além disso, ele os encorajara a defenderem a permanência da concentração, a veneranda instituição que poucos antes Sócrates questionara de forma tão veemente. (FLORENZANO, 2020, p.336)

A abolição da obrigatoriedade de concentração antes das partidas de futebol era uma das principais bandeiras da Democracia Corinthiana, por isso eram postas em votação, onde os jogadores decidiam se iam concentrar ou não. Isso desagradava e muito os dirigentes mais conservadores dos clubes, que temiam que o exemplo dos jogadores corinthianos afetasse também seus jogadores. A ditadura militar inclusive mantinha uma ficha de Casagrande e

Sócrates no Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo, o DEOPS/SP. Nessa ficha¹² constam manifestações, entrevistas e comentários dos jogadores corinthianos (Figuras 5 e 6), mostrando que os militares estavam acompanhando de perto as movimentações dos líderes da Democracia Corinthiana.

CASAGRANDE JUNIOR, Valter

Atual jogador do Ascoli (Itália)

Jogador do Corinthians (ex)

7.9.83 - Recorte do jornal Folha de São Paulo "ACAMPAMENTO DE DESEMPREGADOS AUMENTA O NÚMERO DE BARRACAS" - O epígráfico visitou o acampamento de desempregados no Parque Ibirapuera, ontem. (17-D-13-655) (17-D-13-662).

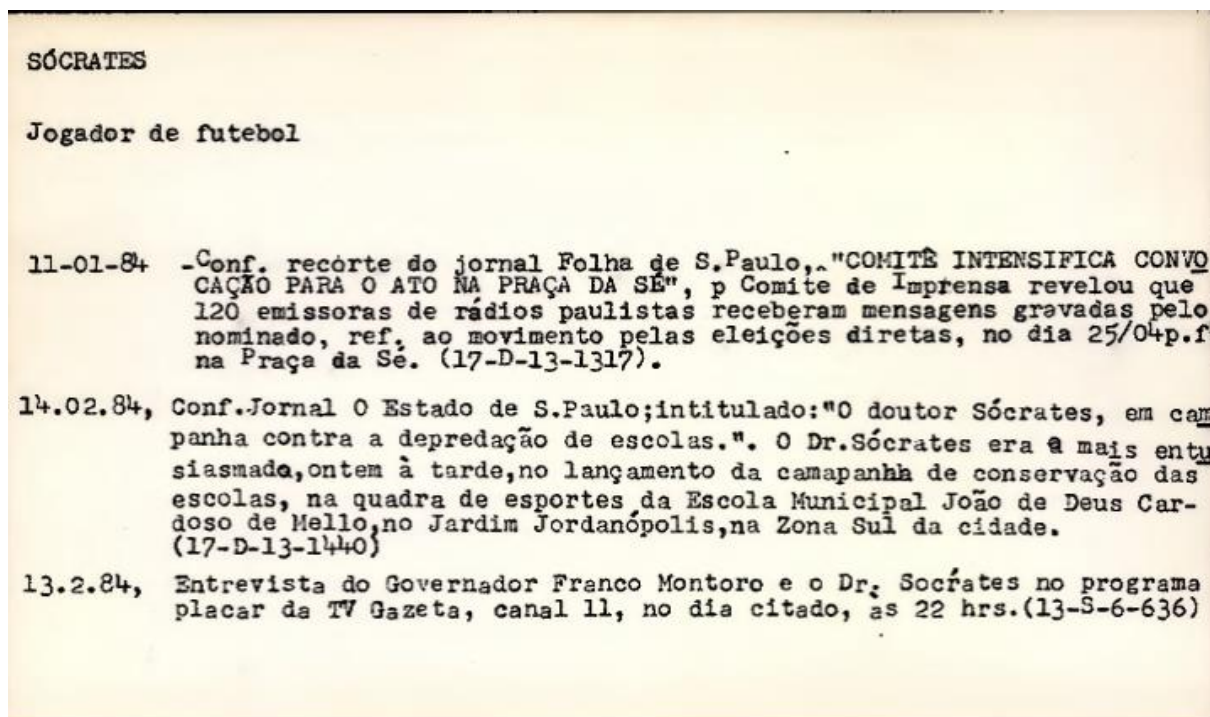
16.4.84, Relatório da Seção de Cadastro/DIS/DCS - Presente a Passeata e Coricão pelas Diretas-Já, nesta data, em SP. (13-S-6-676)

10.11.84 - Ref. ao recorte do jornal Folha de S. Paulo, intitulado: "Personalidades brasileiras dão parabéns a Manágua pela eleição", consta que o nominado firma o abaixo-assinado encaminhado à embaixada da Nicarágua, em Brasília, no qual "saúdam o povo nicaraguense pelas eleições livres e democráticas que acabam de ser realizadas." (17-D-13-3263).

vide verso

(Figura 5 – Ficha de Valter Casagrande Júnior, mantida pelo DEOPS/SP)

¹² Fichas disponíveis digitalmente no Arquivo Público de São Paulo por meio do site https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/textual/deops_ficha



(Figura 6 – Ficha de Sócrates mantida pelo DEOPS/SP)

Ainda que o movimento corinthiano fosse monitorado pelos militares e criticado por alguns setores mais conservadores da imprensa, não podemos esquecer das resistências que ele sofria dentro de seu próprio círculo, o Corinthians como clube e como time. Apesar de ser um movimento que partira dos jogadores, nem todos que passaram pelo Corinthians nesses anos entre 82 e 84 tiveram adesão a ele. No capítulo 3 de seu livro sobre a Democracia Corinthiana, Florenzano dedica algumas sessões ao caso de Emerson Leão, goleiro de renome internacional que havia sido contratado pelo Corinthians no ano de 1983. Nesse capítulo o autor discorre sobre como essa contratação afetou a Democracia Corinthiana, principalmente sobre a forma que ela foi feita.

Era costume de os membros do movimento adotar uma forma democrática ao contratar novos jogadores: o nome era posto em votação e os membros da comissão técnica mais os jogadores votavam sua aprovação, porém no caso de Leão alguns jogadores afirmam que o procedimento não aconteceu e Leão foi contratado apenas com o aval de Adilson Monteiro e Sócrates. Alguns jogadores como Mauro, zagueiro, afirmam que ficaram sabendo por terceiros da contratação e ficaram assustados, por que Solito o goleiro titular do Corinthians havia sido campeão paulista no ano anterior. Segundo Florenzano isso se explica em partes pela tentativa contraditória das lideranças em tentar conciliar os ideais democráticos no futebol com a gestão empresarial:

Mas, em parte, também, a resposta nos remete à profunda contradição instalada no coração da Democracia Corinthiana, consubstanciada na tentativa de conciliar a estratégia empresarial perseguida pela diretoria do clube com o exercício da democracia desenvolvida pelos jogadores. Havia um profundo descompasso entre os ritmos exigidos por cada uma das duas lógicas, subsistia um insuperável conflito de interesses entre elas. (FLORENZANO, 2020, p.350)

A gestão corinthiana chegou num momento em que teve que tomar uma decisão sem a consulta aos jogadores, pois o clube passava a possuir a mesma estrutura organizacional de uma empresa a partir da eleição de Waldemar Pires para a presidência. Fato é que Leão foi contratado e isso gerou uma ruptura, uma cisão entre aqueles agraciados com o poder da decisão e da opinião e um outro grupo a qual foi relegada a ignorância dos fatos.

Leão, goleiro consagrado, vencedor de títulos importantes no Palmeiras e no Grêmio, havia participado do selecionado da Copa do Mundo de 1982 ao lado de Sócrates, chega ao Corinthians para disputar a titularidade com outro goleiro, o titular da equipe, Solito. Ele que chega com sua contratação sendo questionada por alguns do grupo corinthiano, possui um perfil que segundo alguns era incompatível como os ideais da Democracia Corinthiana. Apesar disso, Leão pouco a pouco vai conseguindo o respeito de seus colegas muito por sua dedicação e sua exaltação ao trabalho, chegava sempre uma hora e meia antes dos treinos começarem. Mesmo com suas posições conservadoras, o goleiro havia conseguido uma certa “moral” com alguns colegas, e em meio a uma cisão que já existia devido a sua contratação, ele ganha forças para formar um grupo e medir força com os líderes. O ponto aqui interessante é que, Leão vendo que não conseguiria confrontar sozinho e instaurar seus ideais conservadores, como a obrigatoriedade da concentração a qual era partidário, ele começa a agir politicamente, trazendo jogadores para seu lado. Isso só foi possível por causa do caráter democrático que tinha o elenco corinthiano, “sem poder encerrá-la através de um ato de força, não lhe restava opção senão entrar no jogo democrático” (FLORENZANO, 2020, p.434). Mesmo discordando de muito o que representava a Democracia Corinthiana, Leão teve espaço para mudar o que não era de seu feitio através do jogo político.

2.6 – A DEMOCRACIA CORINTHIANA E AS DIRETAS JÁ

E por falar em jogo político, muito se discute o papel do movimento alvinegro nas lutas pela redemocratização. Na seção 2.4, mostrei as mais variadas formas de expressão e representação da Democracia Corinthiana. Abordagens políticas nos estádios, camisetas e faixas existiram entre 1982 e 1984, manifestações pelo voto, palavras de ordem, punhos cerrados eram algumas das marcas que a Democracia Corinthiana deixava no dia a dia do

futebol brasileiro. Apesar de não podermos classificá-la com um movimento social, uma vez que estava restrita ao clube e não podia contrariar seus interesses como empresa, a Democracia deixou seu apoio e contribuição para o avanço da redemocratização no país. Uma dessas contribuições foi a participação ativa junto aos movimentos que compunham as Diretas Já. Interessante notar como a história corinthiana da segunda metade do século XX emulava um pouco da trajetória política brasileira, segundo Florenzano:

Se em 1964, por intermédio da direção do clube, o Corinthians estivera associado ao regime autoritário instalado no país, o qual, por sua vez, buscara de todas as formas transfigurá-lo em um aparelho privado de hegemonia dos grupos dominantes, em 1984, através principalmente dos jogadores, o alvinegro rompia o referido vínculo e se alinhava ao lado das forças democráticas, convertendo-se em uma organização cultural empenhada na construção da contra hegemonia por parte dos trabalhadores. (FLORENZANO, 2020, p.477)

Parte fundamental nessa mudança de postura da organização Corinthians foi a ação dos principais jogadores, líderes e dirigentes da Democracia Corinthiana e sua participação nessa campanha. Um dos episódios mais famosos é o comício em prol das eleições diretas realizado no Viaduto do Chá, em São Paulo que contou com a presença dos líderes da Democracia. Nesse comício tem-se o comprometimento de Sócrates com o momento político brasileiro, o jogador prometeu renunciar aos valores que receberia numa transferência à Itália, para a Fiorentina, se a emenda Dante de Oliveira fosse aprovada pelo Congresso Nacional. Segue o diálogo conforme noticiado pela Folha de São Paulo:

Sócrates – “Se a emenda Dante de Oliveira for aprovada na Câmara e no Senado, não vou embora do meu país”.

Osmar Santos – “O que acontece se ela passar, Doutor?”

Sócrates – “Não vou embora do nosso país”. (SÃO PAULO, 17/04/1984)

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) formulado pelo deputado federal Dante de Oliveira, filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), se aprovado alteraria a Constituição conforme rege seu primeiro artigo:

Art. 1º - Os arts. 74 e 148 da Constituição Federal, revogados seus respectivos parágrafos, passarão a vigor com a seguinte redação:

"Art. 74 - O Presidente e Vice-Presidente da República serão eleitos, simultaneamente, entre os brasileiros maiores de trinta e cinco anos e no exercício dos direitos políticos, por sufrágio universal e voto direto e secreto, por um período de cinco anos.

Parágrafo Único - A eleição do Presidente e Vice-Presidente da República realizar-se-á no dia 15 de Novembro do ano que anteceder ao término do mandato presidencial."

"Art. 148 - O sufrágio é universal e o voto é direto e secreto; os partidos políticos terão representação proporcional, total ou parcial, na forma que a lei estabelecer." (BRASIL, 1983, p.468)

A emenda instituía eleições diretas para presidente da república depois de 20 anos de governo militar, e Sócrates, exercendo seu direito e dever de jogador-operário, de ser questionador abria mão publicamente de um importante passo em sua carreira como esportista para contribuir fielmente à reconstrução da democracia brasileira.

Nesse capítulo pudemos observar de forma mais contundente a organização, as expressões, as dissidências e a abrangência do movimento corinthiano. Mesmo não sendo um movimento social clássico, a Democracia Corinthiana foi uma expressão cultural atuante ao lado dos movimentos sociais que lutavam contra a ditadura e pela democracia no Brasil, e participa, pois, naquele contexto de crise e ruptura as ações coletivas levam a construção de redes de interpenetração (Dobry, 2015) em que atuam não apenas os movimentos sociais, mas também as expressões culturais sob os mais variados símbolos, sendo um desses símbolos culturais, o futebol.

3. CAPÍTULO III: O SITE FUTEBOL E HISTÓRIA

Nesse terceiro e último capítulo o tema principal abordado é a elaboração do produto que é a parte prática da dissertação. Como forma de cumprir com os requisitos exigidos pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, estou elaborando um instrumento didático-pedagógico para uso dos professores de História em suas aulas de maneira que possam trabalhar com os alunos a luta pela redemocratização através de uma lente específica como o futebol.

A ideia de se construir um site que aborda a História do Futebol e sua relação com a democracia, com a defesa de ideais democráticos para ser utilizado no Ensino de História passa pela discussão de alguns conceitos pedagógicos como o da “negociação de distâncias” proposto por Ana Maria Monteiro e também o da “intencionalidade pedagógica” trabalhado por Paulo Sérgio Negri. Esses conceitos são interessantes pois partem do pressuposto de que o estudante deve ser visto pelo professor como um sujeito histórico e capaz de construir conhecimento histórico em sala de aula.

Ana Maria Monteiro (2017) diz que o docente nas aulas de História deve se valer de referenciais culturais dos estudantes para buscar dar sentido aos temas estudados. É necessário, segundo a autora, familiarizar o estudante aos conteúdos, trabalhando com temas e

abordagens as quais ele possa encontrar sentido no seu cotidiano, com exemplos concretos que sejam acessíveis aos referenciais culturais que ele possui, de forma a dar sentido aos conteúdos estudados. A chamada “negociação de distâncias” é essencial para o cumprimento do objetivo do produto, pois esse objetivo reside em possibilitar que o ensino da História se efetive através do encurtamento das distâncias entre o educando e o passado. Esse encurtamento pode ser possível mediante o uso de referenciais culturais desses estudantes, algo que para eles faça sentido, pois lhes é familiar, cotidiano. Esse papel de funcionar como uma referência cultural, em minha proposta é destinado ao futebol. Devido a sua popularidade é difícil que os estudantes não possuam, mesmo que pouco, algum conhecimento sobre o tema. Um time de coração, um estádio que já visitou, um jogador ou jogadora o qual é fã, ou aprecia o trabalho, um amigo ou amiga que pratica o esporte. Dessa forma ao trabalhar em sala um tema como a Ditadura Militar de 1964 a 1985, o professor pode se valer do futebol para trazer ao presente um período que se passou há pelo menos 40 anos. Exemplo, por meio da análise da situação da Seleção Brasileira na Copa de 1970 é possível trabalhar temas como autoritarismo, supressão da liberdade de expressão e a propaganda militar através de dois temas que estão frequentemente nas discussões dos alunos: a Seleção Brasileira de Futebol e a Copa do Mundo de Futebol.

Além disso, essa abordagem permite que o tema estudado se articule com outros objetos de estudo e outros componentes curriculares, como a Educação Física, tornando esse aprendizado ainda mais significativo para o estudante. Outro ponto importante de se usar o futebol como ferramenta para o Ensino de História é que o professor passa a considerar os conhecimentos já adquiridos pelo estudante, uma vez que o futebol e aspectos dele são aprendidos muitas vezes fora do ambiente escolar. Negociar as distâncias é também enxergar o aluno como produtor de conhecimento histórico e não apenas como mero reprodutor. Essa decisão passa pela intencionalidade pedagógica do professor (Negri, 2016), uma vez que esta é toda a intenção direcionada que vai além da mera transmissão pura de conteúdo e envolve também a atitude e postura em que o docente permita ao aluno estar em um lugar onde ele pode potencializar suas habilidades já adquiridas e caminhar para a aquisição de novas.

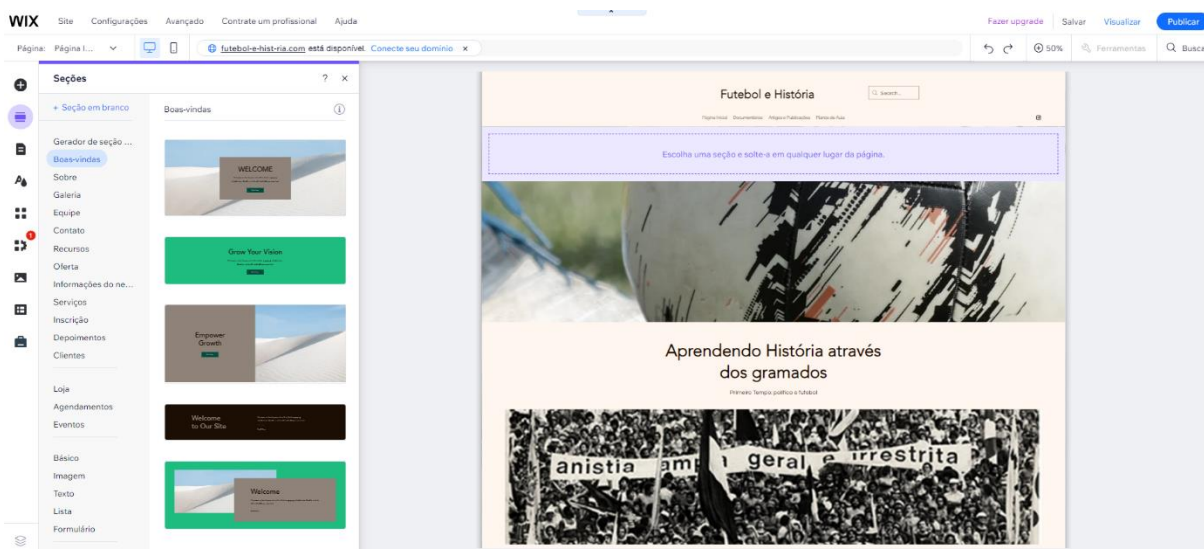
Optei pela criação de um site, pois essa mídia digital tem suas vantagens específicas sobre as mídias tradicionais impressas, como por exemplo, o livro. A maior vantagem a meu ver é a acessibilidade: uma página na internet tem seu acesso muito mais facilmente difundido e possibilitado do que um livro impresso, ou uma revista. O site requer apenas uma conexão com a internet e um aparelho de computador ou celular. De acordo com o Comitê Gestor da

Internet no Brasil, o país possui 84% dos domicílios conectados a internet em 2023, com um impulso em relação aos anos anteriores possibilitado pela ampliação do acesso à internet nas casas das classes mais baixas. O site também possibilita a inserção de fontes históricas imagéticas, como fotografias e vídeos com reportagens e entrevistas. Por essas razões, optei pela elaboração de uma mídia digital que tem por nome Futebol e História e está acessível por meio do endereço digital www.futebolehistoria.com.br (Figura 7).



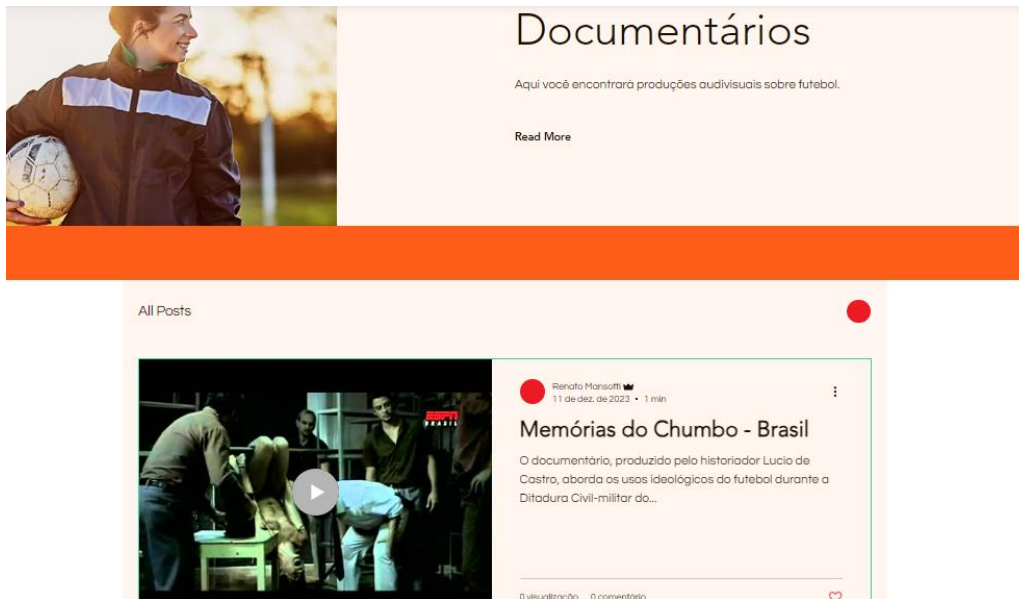
(Figura 7: a página inicial do site Futebol e História)

O site Futebol e História buscará cumprir com o objetivo didático-pedagógico de ensinar/aprender História por meio do estudo do esporte/expressão cultural mais popular do planeta: o futebol. “Aprendendo História através dos gramados” é a frase que resume esse objetivo, por isso está contida logo abaixo do nome do site. Na construção, optei por utilizar uma plataforma online de criação e edição de sites por nome de Wix.com, escolhi essa plataforma primeiramente porque já trabalhei com ela em minha atuação docente por isso tenho uma certa familiaridade com a proposta de criação e edição que ela fornece. Outra razão foi pela facilidade que ela oferece, uma vez que é possível criar um site mesmo não tendo conhecimento nenhum de programação. A plataforma permite criar sites do “zero” ou utilizar os templates (Figura 8) oferecidos por ela, que foi o meu caso.



(Figura 8: As ferramentas do Wix.com: criação das sessões)

A proposta do site Futebol e História é funcionar como uma aula, no qual o professor ao acessá-lo, tenha em mãos uma projeção a ser exposta na sala de aula sobre a Democracia Corinthiana e seu impacto, suas contribuições, seus personagens, suas expressões e contribuições para a luta pela redemocratização. O site poderá ser acessado tanto de dispositivos móveis quanto de computadores (desktop ou notebook) e a intenção é que a barra de rolagem seja usada de forma automática se assim o professor preferir, por meio de um mecanismo inserido no cabeçalho da página inicial, onde, ao ativá-lo a barra de rolagem começará a descer lentamente sem a necessidade do professor utilizá-la manualmente, funcionando como uma exposição automática. Além desse formato, o site também contará com outras páginas como a de Documentários, Planos de Aula e o Acervo Futebol e História. Cada uma dessas páginas possibilitará ao docente aprofundar seus conhecimentos acerca da História do Futebol e também servirá como uma contextualização voltada ao docente para aplicar a aula contida na página inicial. Por exemplo, a página de Documentários (Figura 9) será alimentada com produções audiovisuais voltadas ao futebol, como o documentário do historiador Lúcio de Castro, “Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor” de 2012, no qual o diretor aborda o relacionamento da Ditadura Militar brasileira com o futebol em várias de suas expressões, como a Seleção Brasileira na Copa de 1970 ou o tratamento dado a técnicos e jogadores com ligação à oposição de esquerda.



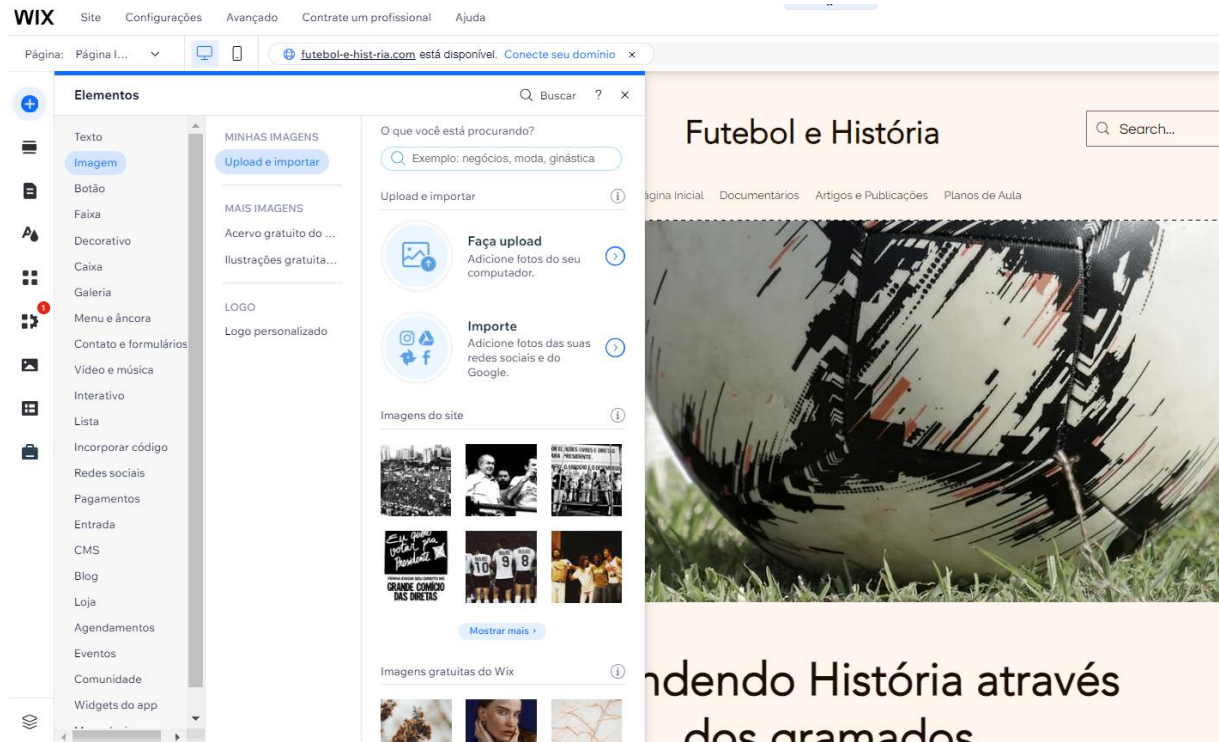
(Figura 9: a página de Documentários do site Futebol e História)

Retornando à Página Inicial, o aluno entrará em contato também com alguns conceitos-chaves, abordados nessa dissertação, como por exemplo o de “jogadores-operários”, que segundo Florenzano (2020), são aqueles jogadores que para além do campo, tem uma atuação contundente em questões políticas e sociais. Os exemplos utilizados no site são o de Wladimir e de Casagrande (Figura 10) (Sócrates será trabalhado em outra sessão). A ideia aqui é desmistificar o jogador de futebol como um sujeito dócil, cordial, que é apenas feito para seguir instruções e não é considerado um indivíduo que “pensa muito”.



(Figura 10: a sessão reservada aos jogadores-operários.)

O Wix.com também tem uma barra de tarefas (Figura 11) que me permite inserir imagens, botões, textos, faixas, vídeos para incrementar as sessões como a feita acima.



(Figura 11: a barra de tarefas de inserção de elementos)

Seguindo nessa linha, de trabalhar com o conceito dos jogadores-operários, a sessão seguinte explora a imagem e as ideias de Sócrates (Figura 12), tido como o principal líder do movimento alvinegro e um de seus idealizadores, ao lado de Wladimir (imagem acima, à direita). Tido como um dos maiores ídolos do Corinthians, o jogador inicia a carreira no Botafogo de Ribeirão Preto-SP, modesto time do interior paulista e tem uma marcante passagem pela Seleção Brasileira, com destaque para a Copa do Mundo de 1982. No Corinthians, ganhou os Campeonatos Paulistas de 1982 e 1983, anos em que estava em vigor no Corinthians a Democracia Corinthiana. Como trabalhado no segundo capítulo, Sócrates era um personagem ativo politicamente, participando de reuniões de sindicatos, manifestando apoio político e com participação ativa na campanha das Diretas Já a partir de 1984. Essa participação tem seu auge na promessa que Sócrates fez (e cumpriu) de permanecer no Brasil caso a Emenda Dante de Oliveira fosse aprovada pelo Congresso Brasileiro. No site, inseri imagens de Sócrates em vários momentos de sua vida, no Botafogo-SP, na Seleção, no

Corinthians fazendo sua comemoração característica, com o punho em riste e uma imagem dele já idoso, anos antes de sua morte, em 2011. Também inseri uma participação sua no programa Provoações (Figura 13), apresentado por Antônio Abujamra em 2001. Nessa entrevista Sócrates expõe suas ideias sobre corrupção no futebol, sobre o momento político e social do Brasil à época e também faz algumas considerações sobre a Democracia Corinthiana.



(Figura 12: a sessão que aborda o jogador Sócrates, no site futebolehistoria.com)



(Figura 13 continuação da sessão sobre Sócrates no site futebolehistoria.com)

Em seguida, coloquei também quatro conceitos fundamentais os quais o estudante deverá compreender através da leitura e do estudo da Democracia Corinthiana através do site (Figura 14). Os conceitos são os de “ditadura”, “revolução”, “democracia” e “autogestão”. Esses conceitos são mostrados de forma simplificada no intuito de não tornar o site muito denso visualmente, o professor pode trabalhá-los mais elaborada em sala de aula com os estudantes. O site também disponibilizará ao professor na página de “Artigos e Publicações”, material que tem por tema os conceitos acima. Esses conceitos não são estudados apenas no nono ano do Ensino Fundamental, alguns deles como “revolução”, “democracia” e “autogestão” são vistos entre o sexto e oitavo ano, por isso os estudantes podem já ter tido contato com eles.



(Figura 14: os conceitos no site Futebol e História)

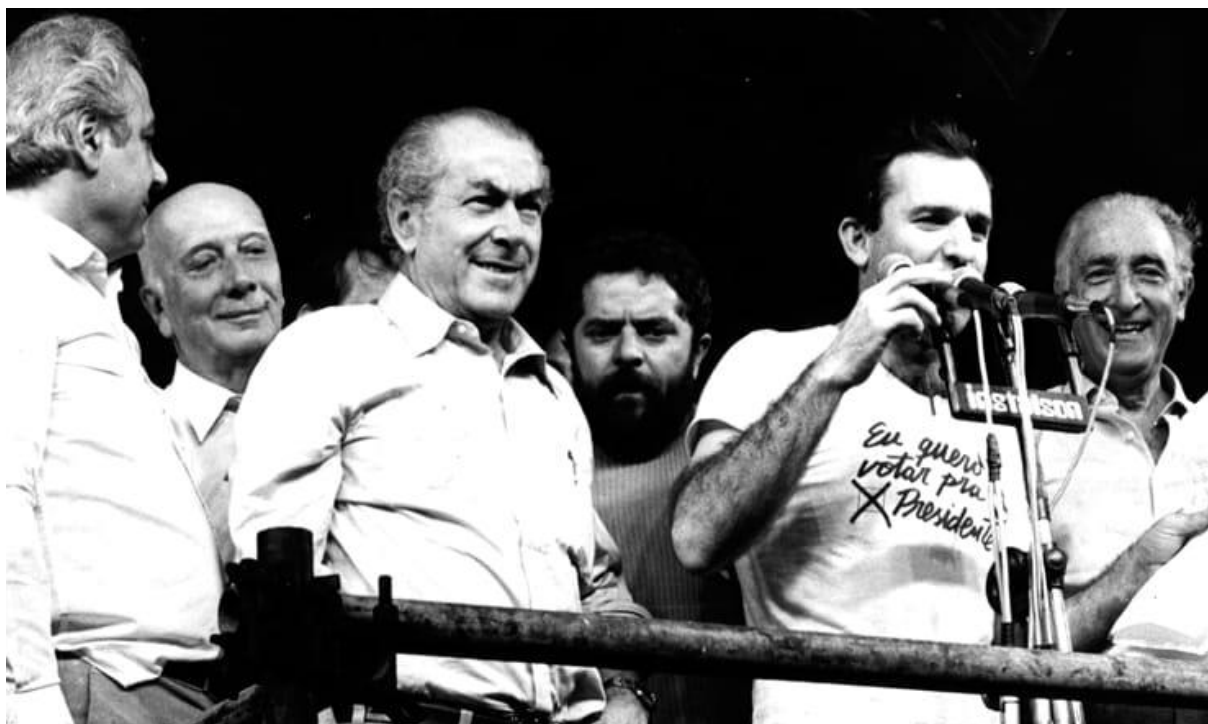
Após o estudo dos conceitos, o professor poderá trabalhar as expressões da Democracia Corinthiana em imagens. Como analisado na sessão 2.4, a Democracia Corinthiana se expressava das mais diversas maneiras: em comícios, através de faixas, de mensagens no uniforme, participação em shows de artistas pró-democracia. Essas expressões estão documentadas através de fotografias e páginas de jornal, que podem ser acessadas por meio do site e utilizadas em uma análise de fontes históricas do período. Por mostrar os jogadores-operários ativos no meio político, também pode ser utilizadas as imagens para ilustrar o próprio conceito de Florenzano. Além disso, logo abaixo vem a sessão “Diretas Já” que segue a mesma linha da anterior, com imagens de comícios e cartazes que funcionam como fonte histórica do período. A análise das palavras de ordem, dos cartazes nas fotografias dos comícios, dos personagens que estão no palanque são formas de relacionar o presente com o passado. O cartaz pelas Diretas Já (Figura 15) mostra a palavra de ordem “Eu quero votar para presidente”: o que hoje é corriqueiro, acontece de quatro em quatro anos e está consolidado, à época da Democracia Corinthiana era uma incerteza. Na figura 16, podemos ver um cartaz onde se lê “Contra o arrocho e o desemprego”, problemas da época que continuam atuais e na Figura 17, dois personagens importantes do período dividindo o mesmo palanque: o Governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola e o deputado federal pelo PT, Luis Inácio Lula da Silva, que atualmente exerce o cargo de Presidente da República.



(Figura 15: cartaz de comício por eleições diretas em 1984 a ser realizado na Praça da Sé em São Paulo)



(Figura 16: comício por eleições diretas: o problema do arrocho salarial e do desemprego)



(Figura 17: Leonel Brizola, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e Lula num comício pelas Diretas em Belo Horizonte, Minas Gerais)

Por fim, a sessão se encerra com um vídeo produzido pela TV dos Trabalhadores (TVT) sobre as diretas, o documentário *Diretas Já - O grito das ruas*, conta com entrevistas de artistas, políticos e jornalistas que participaram ativamente do movimento que ansiava pelo fim da ditadura militar e pela conquista das liberdades democráticas. As formas pelos quais os documentários e o audiovisual do site podem ser utilizadas por professores para ministrar suas aulas de História, quando tema em questão for o Regime Militar, são inúmeras e inclusive são facilitadores no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História. De acordo com Katia Abud:

A expressão não é vazia e nem carece de fundamento, pois estudos sobre o tema asseguram que os dados provenientes da visão e audição correspondem a 50% do que é retido pelos alunos. Audição e visão são também responsáveis pela retenção mais duradoura daquilo que os alunos aprendem (ABUD, 2003, p.189).

Através do uso do site *Futebol e História* em sala de aula pelo professor, pode-se trabalhar inúmeras Habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como por exemplo:

(EF09HI20) Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar.

(EF09HI22) Discutir o papel da mobilização da sociedade brasileira do final do período ditatorial até a Constituição de 1988.

(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos. (BRASIL, 2018, p.431)

Essas habilidades fazem parte do Nono Ano do Ensino Fundamental, na Unidade Temática: “Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946” que tem por Objetos do Conhecimento, os seguintes: “A ditadura civil-militar e os processos de resistência”, “O processo de redemocratização” e “A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.)”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao fim dessa dissertação exaltando o poder que o futebol tem de explicar e ajudar a compreender muito do político no Brasil. As relações pelas quais a população brasileira, principalmente as classes populares, mantém com esse esporte são fundamentais na construção da cidadania e na construção também de um país mais democrático. É difícil, para não dizer impossível, imaginar o Brasil sem o futebol, mas não é o objetivo desse trabalho propor conjecturas e sim propor novas abordagens ao Ensino de História. Penso ter cumprido com esse objetivo. Sempre ouvi as pessoas dizendo que futebol não se discute, não se envolve com política, que deixa o esporte chato e etc. Esse tipo de pensamento me levou a pensar o futebol com a lente da pesquisa em História e olhar o esporte como indissociável do meio sociocultural. É impossível dissociar o futebol da política porque é impossível tirá-lo de seu habitat natural, a sociedade que o produziu e que segue constantemente transformando-o.

Dessas transformações, a que mais me fascina é o avanço do futebol feminino. Lotando estádios com cada vez mais frequência, ganhando espaço na televisão, nos últimos dez anos o futebol feminino tem crescido vertiginosamente. Proibido durante quarenta anos, entre 1941 e 1983, as mulheres voltam aos gramados ao mesmo tempo em que nosso objeto de estudo acontece. Essa concomitância é interessante para mim, pois ao mesmo tempo em que jogadores de futebol estavam fazendo um movimento pela democracia e pelas práticas de liberdade, jogadoras eram proibidas de praticar o esporte por ser considerado “incompatível com as condições de sua natureza” (WESTIN, 2023). Nessa dissertação, não me foi possível

investigar como os movimentos de natureza política masculinos interferiram ou colaboraram para a luta feminina acerca da permissão de se praticar o futebol. Talvez isso venha a ser tema de uma pesquisa futura, uma prorrogação, um terceiro tempo.

Fiquei instigado também a obter acesso aos arquivos documentais do Sport Club Corinthians Paulista e também da torcida organizada, os Gaviões da Fiel, que com certeza devem guardar documentos esclarecedores sobre o tema pesquisado e que por motivos temporais e geográficos não me foi possível acessar. Como mostrado no decorrer da pesquisa, ainda existe muito a se estudar sobre as expressões da Democracia Corinthiana e o tratamento que a imprensa dava a ela, principalmente, como jogadores discutiam nos anos oitenta questões que seguem atuais, como é o caso da violência policial. No mais, espero que essa pesquisa venha a colaborar com todos os profissionais da área da Ciência Histórica e do Ensino de História. Espero ter contribuído para tornar o futebol também um instrumento de ensino dessa importante ciência, que tem seu estudo cada vez mais necessário conforme os anos passam e tempos reacionários insistem em voltar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CIDADE vista por Casagrande. Folha de São Paulo, p.20, 15/11/1982.

ALEGI, P. The History of soccer in Africa. NPR, 2010. Disponível em:

<<https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=127600200>>

A POLÍTICA invade o Parque São Jorge. Folha de São Paulo, p.32, 19/09/1982.

A DEMOCRACIA corintiana já discutiu suas falhas, Folha de São Paulo, 03/02/1983

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro : FAPERJ : Mauad, 2002.

ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. História, São Paulo, 2003.

ANSART, Pierre. A gestão das paixões políticas. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

BAKER, William J. “The making of a working-class football culture in Victorian England”. Journal of Social History, Vol. 13. Nº.2, 1979.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre. Para uma história cultural. 1ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. 349-364.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Diário da Câmara dos Deputados, Brasília, 25/04/1984.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALDAS, Waldenyr, “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. Revista USP (São Paulo), Nº 22, junho/julho/agosto, 1994.

CAPELATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil São Paulo:Contexto/EDUSP, 1988.

CASAGRANDE cria mais um caso no SCCP. Folha de São Paulo, p.34, 26/02/1983.

CORINTHIANS, Agência. 2023. Há 107 anos, Corinthians atuava pela primeira vez com camisa listrada. Disponível em < <https://www.corinthians.com.br/noticias/ha-107-anos-corinthians-atuava-pela-primeira-vez-com-camisa-listrada>>

_____, 2023. Identidade. Disponível em < <https://www.corinthians.com.br/clube/identidade#:~:text=O%20Corinthians%20C3%A9%20uma%20torcida,o%20Torneio%20Rio%2DS%C3%A3o%20Paulo>>

COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978) . Recorde: Revista de História do Esporte vol.3, nº 1, 2010.

CRAQUES, do Corinthians se filiam ao PT. Folha de São Paulo, 28/08/1982.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema

brasileiro. Zahar, 1982.

DEMOCRACIA, em Campo. Folha de São Paulo, p.2. 01/04/1983.

DIAS, Luiz Antonio; FARINA, Michelle Cruciol da Silva, Preto no branco: a Democracia Corinthiana nas páginas do jornal A Folha de São Paulo. Recorde, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-21, jul./ dez. 2016

DOBRY, Michel. Sociologia das crises políticas: A dinâmica das mobilizações multissetoriais. São Paulo : Editora Unesp, 2015.

FEDERAÇÃO Paulista de Futebol São Paulo, 2023. Os campeões do campeonato paulista. Disponível em: < <https://www.futebolpaulista.com.br/Clubes/TodosCampeoes.aspx>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FLORENZANO, José Paulo Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo, Musa Editora, 1998.

FRANCO JUNIOR, Hilário. “A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade” – 3ª Edição – São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

_____. Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FUNDAÇÃO do Corinthians, 2024. Disponível em <https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_fundacao_do_corinthians>

GALEANO, Eduardo. Garrincha. Vermelho.org, Brasília, 2023. Disponível em < <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/eduardo-galeano-garrincha/>>

HOBBSAWM, E.; TERENCE, R. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

KITCHING, Gavin. The Origins of Football: History, Ideology and the Making of 'The People's Game' : History Workshop Journal Issue 79, Leicester, 2015.

INVASÃO Corinthiana no Maracanã. Meu Timão, 2023. Disponível em < https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_invasao_corinthiana_no_maracana>

MACHADO, Felipe Morelli. Rebeldia Ou Resistência? Leônidas da Silva o ‘Diamante Negro’ e o ‘triunfo’ do futebol Brasileiro Na Copa do Mundo De 1938. Projeto História, São Paulo, n.38, p. 313-324, jun. 2009.

MARTINS, Mariana; REIS, Heloisa. Significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corintiana. Movimento. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 81-101, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Aulas de História: questões

do/no tempo presente. *Educar em Revista*, Curitiba, 2015.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

NAG, Utathya. O recorde de gols de Pelé: números que coroam o Rei do Futebol. COI, 2023. Disponível em <<https://olympics.com/pt/noticias/pele-quantos-gols-marcados-futebol-carreira>>

NEGREIROS, Plínio Labriola. O nascimento do Sport Club Corinthians Paulista. In: *O futebol nas ciências humanas no Brasil / organização: Sergio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni*. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

NETTO, Antônio Jordão. Corinthians, corinthianismo: breve ensaio sociológico. *Ludopédio*, 2010. Disponível em <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/corinthians-corinthianismo-breve-ensaio-sociologico/>>

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. “Origem do futebol na Inglaterra e no Brasil” : *Revista Brasileira de Futsal e Futebol* : São Paulo, v.4, n.13, p.170-174, 2012.

PRESOS, Políticos?. *Folha de São Paulo*, p.6. 30/06/1972

RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno – Biografia de Leônidas da Silva*. São Paulo. Gryphus, 1º edição. 2000.

RIBEIRO, Luiz Roberto, “Futebol e Política”. In: *O futebol nas ciências humanas no Brasil / organização: Sergio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni*. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

RIOUX, Jean-Piere, *A associação em política*. In: REMOND, René. *Por uma história política*. 2º Edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 99-140.

SÃO PAULO faz o maior comício. *Folha de São Paulo*, p.01, 17/04/1984.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1981.

SOARES, Pâmela Camargo. *Corinthians, a torcida que tem um time: identidade e politização de um clube de futebol*. Vitória. Universidade Federal do Espírito Santo. 2023.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. Mitos, futebol e identidade nacional (1930-1983) In: *O futebol nas ciências humanas no Brasil / organização: Sergio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni*. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só ve a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. São Paulo. Editora da Universidade de São

Paulo, 2018.

WESTIN, Ricardo. Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização. Agência Senado, 2023. Disponível em <
<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido->